

# A Saga de Jean Abram *FRAUCHE*



De Ursins  
VD - Suíça

a

São Sebastião  
do Paraíba  
RJ - Brasil

Brasília  
IEAL  
2016



Celso da Costa Frauches

Celso da Costa Frauches

# A Saga de Jean Abram *FRAUCHE*



De Ursins, VD - Suíça a São Sebastião do Paraiba, RJ - BrasCil

Patriarca dos Frauche, Frauches, Franche, Franches,  
Franch, Frauch, Frouch, Flauche no Brasil

Brasília  
IEAL  
2016

Copyright © Celso da Costa Frauches

### **Produção editorial**

- Equipe Andragogia

### **Revisão**

- Duscelino Borges

### **Editoração eletrônica e capa**

- José Miguel Santos

### **Fotos da capaa**

- José Miguel Santos

É permitida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, desde que citada a fonte e os autores.

Ficha catalográfica elaborada pela  
Bibliotecária Daniela Cussi Sanchez, CRB 1/1481

---

F845 Frauches, Celso da Costa.  
A saga de Jean Abram Frauche : de Ursins (VD), Suíça, a São Sebastião do Paraíba (RJ), Brasil [Recurso eletrônico] / Celso da Costa Frauches – 1. ed. – Brasília : IEAL, 2016.  
Modo de acesso: World Wide Web : <[www.andragogia.org.br](http://www.andragogia.org.br)>

ISBN 978-85-65213-03-5

1. Biografia. 2. Família Frauche. 3. Brasil I. Título.

CDU 929.52(81)

---



Instituto Educacional Andragogia Ltda.  
[www.andragogia.net.br](http://www.andragogia.net.br)

CNPJ: 11.857.201/0001-26 – CF/DF: 07.538.374/001-26  
SCS, Quadra 7, Bloco A, nº 100, sala 502  
Torre do Pátio Brasil – Brasília – DF – 70307-901

*O resgate da memória de um povo faz crescer  
o respeito pela nação onde este mesmo povo vive.*

Prof. Márcio Manhães Folly<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> WERMELINGER-MONNERAT, Alberto Lima Abib. ... E os suíços chegaram!!! – A imigração suíça de 1819/1820. Nova Friburgo, RJ: A. Lima Abib, 2010, p. 6.

À memória de Jean Abram Frauche e de Anne Marie Lugon-Moulin e aos seus descendentes.

A Eduardo Jorge Frauche de Souza, que abriu os caminhos para os Encontros da Família Frauche e a busca de nossas origens.

Aos Frauche, Frauches, Franche, Franches, Frauch, Franch, Frouch, Flauche e a todos os que integram essa imensa família, em várias partes do mundo e em nosso Brasil.

Ao meu pai, Henrique Luiz Frauches, e à minha mãe, Etelvina da Costa Frauches, Telva, que me educaram pelo exemplo, com amor.

Aos meus filhos, Leilany, Janina e Ariel, amores de minha vida, e aos netos queridos – Kiko, Luli e Celso Jr.

À minha esposa e companheira, Shirley Maria Nunes Frauches, pelos momentos que roubei do nosso convívio, para dedicar-me à pesquisa e à elaboração deste livro.

Agradeço a Eduardo Jorge Frauche de Souza, pioneiro na busca de nossas origens, por ser o Frauche que me transmitiu esse vírus e abriu os caminhos para os primeiros contatos com os descendentes de Jean Abram Frauche e pela realização do 1º Encontro da Família Frauches, em Santo Antônio de Pádua (RJ), no Hotel das Águas, nos dias 6 e 7 de outubro de 2001.

Agradeço ao tio Francisco Braz Frauches, o querido Chiquinho, que me deu as primeiras informações sobre a origem dos Frauches no Brasil.

Agradeço aos que, por e-mails, cartas, artigos, documentos, informações e livros, permitiram ampliarmos o conhecimento sobre Jean Abram Frauche, seus ascendentes e descendentes e a história de Cantagalo e região, além de outras contribuições para a publicação deste livro:

Acácio Ferreira Dias

Alberto Lima Abib Wermelinger-Monnerat

Anne-Marie Yerly-Quartenoud

Archives Cantonales Vaudoises

Clélio Erthal

Clóvis Ozenil de Souza

Clóvis Ozenil de Souza Júnior

Daniel Folly

Dulce Tardin Erthal

Duscelino Borges

F. F. Friedli

Fabiano Bianchi  
Fundação Dom João VI  
Henrique Bon  
J. J. Tschudi  
Jacob Joye (Pe.)  
Jean-Pierre Frauche e esposa Deborah  
João Lins Vieira Cansação de Sinimbu  
João Raimundo de Araújo  
Joaquim Fernandes Frauches  
John Mawe  
Jorge Miguel Mayer  
José Fernandes Frauches  
José Miguel Santos  
Joseph Hecht  
Jules Conus  
Laurentino Gomes  
Marcia Luzia Bonin Salomone  
Martin Nicoulin  
Marylisa Ruback  
Pedro Curio  
Polycarpo Amstalden  
Raphael Luiz de Siqueira Jacoud  
Sebastião A. B. de Carvalho

Thomé Maria da Fonseca e Silva

Waldir Freitas Oliveira

Werverton Ozenil de Souza

E aos Frauche, Frauches, Franche, Franches, Franch, Frauch, Frouch, Flauche e às demais pessoas que contribuíram com suas informações por diversos meios e pelos Encontros da Família Frauches, realizados em Santo Antônio de Pádua e Nova Friburgo, para a realização deste livro, como contribuição ao bicentenário (1819-2019) da chegada de Jean Abram Frauche à Colônia Nova Friburgo, Cantagalo, RJ, Brasil.

Sem eles este livro não seria possível.



## Sumário

---

Apresentação.....	10
Prefácio .....	12
Introdução .....	17
Brasil e Suíça – Século 19, segunda década..	27
Suíça – século 21.....	33
Brasil: uma esperança.....	44
A escolha da fazenda Morro Queimado, em Cantagalo .....	47
O Tratado de colonização.....	51
De Ursins - Suíça .....	56
a Amsterdã - Holanda.....	56
De Amsterdã - Holanda, ao Rio de Janeiro .....	68

A travessia do Atlântico .....	71
A chegada ao Rio de Janeiro .....	74
Da Baía da Guanabara à Colônia Nova Friburgo.....	77
O nascimento de Nova Friburgo.....	90
Da Colônia Nova Friburgo a São Sebastião do Paraíba .....	115
A família Frauche no Brasil.....	120
Bibliografia .....	132
Sobre o Autor .....	139

## Apresentação

---

A ideia de escrever este livro surgiu no Encontro da Família Frauches, realizado nos dias 19 e 20 de outubro de 2013, no Hotel das Águas, em Santo Antônio de Pádua (RJ), para registrar o bicentenário da chegada de Jean Abram Frauche ao Brasil, ocorrida em dezembro de 1919. Dessa data em diante, procurei ler ou reler livros, periódicos e textos diversos sobre a colonização suíça de 1919, em Nova Friburgo, então pertencente a Cantagalo (RJ), além de reler as informações colhidas nos Encontros da Família Frauches, realizados em Santo Antônio de Pádua (RJ), nos anos de 2001, 2003 e 2013, e em Nova Friburgo (RJ), em 2002.

A identificação do verdadeiro sobrenome de nosso patriarca e a sua origem foi possível mediante consultas aos *Archives Cantonales Vaudoises*, de Lausanne, Cantão de

Vaud, Suíça, e a pesquisas desenvolvidas por Clóvis Ozenil de Souza e seus filhos Clóvis Jr. e Werverton, em viagem à comuna de Ursins, no Cantão de Vaud, onde nasceu Jean Abram Frauche.

A saga de Jean Abram Frauche é contada desde seu embarque em Estavayer-le-Lac, no Lago Neuchâtel, Suíça, passando pelo porto de Amsterdã, Holanda, com destino ao Rio de Janeiro, sua chegada à Colônia Nova Friburgo e, finalmente, sua migração para São Sebastião do Paraíba, distrito do município de Cantagalo (RJ), onde constituiu família, desenvolveu suas atividades profissionais e econômicas, faleceu e foi sepultado, em 1875.

Este livro não é definitivo sobre a saga de Jean Abram Frauche. Outros virão, naturalmente, fruto da pesquisa e de estudos de outros Frauche ou de pesquisadores acadêmicos. É uma pequena e simples contribuição à história da Família Frauche no Brasil.

## Prefácio

---

A Confederação Helvética, desde os áureos tempos de sua História, sempre vivenciou uma forte experiência migratória. O exíguo território, a escassez de terras férteis e um vigoroso crescimento demográfico impunham aos seus filhos a procura de melhores condições de sobrevivência além de suas fronteiras.

A esta verdade essencial, acresciam-se outras questões de caráter particular. No âmbito familiar, o filho primogênito frequentemente herdava dos pais o torrão dominial, já muito pequeno para ser dividido. Não restavam muitas opções aos demais membros do clã, quase sempre numeroso. Um outro membro da família tornava-se monge ou padre. Uma boa parte dos jovens era atraída pelo serviço mercenário (uma espécie de emigração temporária), seja pelo alistamento militar nos

exércitos, que se formavam para servir (sob a condição de aluguel) aos potentados estrangeiros, seja para servir na guarda do Papa, também uma modalidade do mercenariado. Esta última alternativa era bastante antiga, pois remonta à criação da Guarda Suíça Pontifical, em 6 de maio de 1506.<sup>2</sup> Já o destino das mulheres era, comumente, encontrar um homem para se casar. Aquelas que não se casavam, assumiam as responsabilidades do lar remanescente, notadamente o cuidado com os pais, os idosos em geral e as crianças.

Portanto, o recurso à emigração era, via de regra, uma solução para os imediatos problemas do desemprego, da pobreza e da miséria na pequena Confederação Helvética. Sua História registra vários movimentos migratórios definitivos, dos quais citamos alguns, dos mais representativos: em 1710 cidadãos do Cantão de Neuchâtel fundam, nos Estados Unidos, a cidade de Purisbourg, na Carolina do Sul, e Christophe Grafenried, do Cantão de Berna, funda a cidade de Nova Berna, na Carolina do Norte; em 1711, cerca de 900 famílias emigram para a Prússia Oriental; em 1767, mais de 300 famílias emigraram para a Serra Morena, na Espanha; em 1770/1771, acontece a grande onda migratória para a Pomerânia, hoje território dividido entre a Alemanha e a Polônia, junto ao Mar Báltico; em 1803, emigrantes do Canton du Vaud fundam a colônia vinícola de "Vevey"; em 1803/1805, a convite do Czar Alexandre I, zuriquenses fundam em Feodósia, no Mar Negro, a Colônia Zürichthal; pouco antes do período conhecido como "Restauration", 25.000 Suíços (praticamente a metade era de Amish) se estabelecem nos Estados Unidos.

---

<sup>2</sup> Sobre o assunto, leia-se o interessante estudo de Eduard Rauber, intitulado "Auf den Spuren der Jauner in freuden Diensten", que mostrou a vida de 160 jovens de Bellegarde, Canton de Fribourg, engajados nos exércitos estrangeiros, sobretudo na França.

Não foram muito diferentes as causas que impuseram aos suíços, do início do Século XIX, a necessidade de emigrar. Acontecimentos resultantes das Guerras Napoleônicas e as consequências da invasão de Portugal pelos exércitos franceses, contribuíram substancialmente para os eventos que hoje sobejamente conhecemos, acontecimentos esses que ainda foram agravados pela crise econômica, a fome e a miséria de 1816/1817. Para se ter uma ideia da gravidade da situação em que se encontrava a Suíça, o ano de 1816 ficou conhecido como o “Ano sem verão”, e *“Eighteenthundred and frozen to death”*, que significa mais ou menos *“mil e oitocentos e morte de frio”*. Esses foram os fatos principais que precipitaram o movimento migratório de 1819/1820, basicamente planejado para os fins de povoamento da cidade de Nova Friburgo.

Assim é que recebi, com muita satisfação, o convite do amigo Celso da Costa Frauches para prefaciar o livro “A SAGA DE JEAN ABRAM FRAUCHE”. Enfatize-se que sua obra veio enriquecer, em nosso Estado, a moderna literatura brasileira dedicada à citada emigração Suíça, esse fascinante tema que é, afinal, a história de cada um de nós, descendentes daqueles bravos.

Tal acervo teve início em 1945, pelo saudoso Dr. Raymundo Bandeira Vaughan com o *“Livro da Família Monnerat”*, enriquecida no ano seguinte por Manoel Erthal, ao dar a lume a obra dedicada ao clã dos Erthal-Wermelinger, seguindo-se Joaquim de Amarante Cosendey em livro acerca da família Brouck-Cosendey, depois Lécio Augusto Ramos focalizando os Daflon, logo seguido por Pedro Sanglard e Júlio Cesar de Araujo Lutterbach Galhardo de Castro, com obras sobre suas respectivas famílias; a *“Saga da Família Marchon”*, de Albino José Marchon; e, por fim, *“Uma Aventura em Dois Continentes - A Família Wermelinger (A Imigração Suíça de 1819/1820)”*, editado no ano 2000, da lavra do autor deste prefácio. Não obstante a paciente e vasta pesquisa

histórico-genealógica que cada qual realizou, não se pode olvidar o trabalho enciclopédico consubstanciado no volumoso “*Os imigrantes*”, de Henrique Bon, um verdadeiro marco na bibliografia sobre o assunto.

O livro do amigo Celso se inicia abordando a realidade brasileira da época, os problemas relacionados com a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro, a necessidade de desenvolver a cidade para acomodar a Família Real e toda a Corte Portuguesa, bem como de trazer ao País pessoal qualificado, tais como artesãos, artistas, profissionais liberais e, por que não, de militares (muito se comentava sobre a possibilidade de o Brasil vir a se tornar independente); discorre também sobre a situação desesperadora por que passava a Confederação Helvética, mostrando que as autoridades suíças vislumbravam a emigração, daqueles a quem não podiam mais alimentar, como a solução mais viável, a esperança generalizada de uma vida melhor, o Eldorado brasileiro. Celso comenta o alentado tratado de colonização, descreve a cidade de origem da família Frauche, na Suíça, no Cantão do Vaud, e acompanha, com riqueza de detalhes, a viagem dos emigrantes pelos Rios Aar e Reno até Amsterdam, na Holanda, de onde se iniciaria a viagem transatlântica. Aborda com muita propriedade, a travessia do Oceano, a alentada chegada ao Rio de Janeiro e a exaustiva etapa do novo trecho da viagem, através dos pântanos e as luxuriantes florestas da planície do Macacu, com suas doenças tropicais, e ainda a subida das montanhas fluminenses até a Vila de Nova Friburgo.

Relata com grande conhecimento, a instalação nas terras da Colônia, os dissabores iniciais, e a questão do novo êxodo interno em direção ao centro-norte fluminense por uma grande parte das famílias Suíças, notadamente a aventura de sua família Frauche que, finalmente, se radicou na localidade de São Sebastião do Paraíba. A motivação para esse novo deslocamento é bem conhecida. Nossos registros históricos se referem aos reveses sofridos pela Colônia, logo nos primeiros meses de sua existência, devido a uma série de fatos amplamente descritos pelos



historiadores e confirmados por Von Tschudi, o plenipotenciário suíço, em seu relatório, 40 anos depois:

Os colonos receberam regularmente... o subsídio diário, de 160 réis no primeiro ano, e de 80 réis no segundo. Mas não receberam as sementes mencionadas no contrato, ou as receberam em quantidades absolutamente insuficientes, o que também se deu com o gado. Tais decepções e o duríssimo trabalho num solo ingrato desencorajaram em extremo os colonos e, quando no terceiro ano o governo deixou de pagar os subsídios prometidos, a sorte da Colônia ficou decidida.

A obra muito bem pesquisada do Celso chega agora aos leitores, sejam suíços ou brasileiros, permitindo-lhes conhecer um pouco melhor não só os detalhes sempre fascinantes da imigração Suíça de 1819, como também a incrível saga do patriarca da estimada família Frauche.

Com o risco de me tornar repetitivo, afirmo que seu livro é de leitura indispensável não só pelos especialistas do tema, mas também por todos aqueles que se preocupam em conhecer suas raízes e se deliciam em navegar pelo mundo encantado da aventura humana.

Obrigado ao amigo Celso pelo convite para prefaciá-lo seu belo trabalho, oferecendo-nos a oportunidade ímpar de, assim, nos conduzir com ele nesta formidável e apaixonante viagem do seu ancestral Jean Abram Frauche.

*Alberto Lima Abib Wermelinger Monnerat<sup>3</sup>*

---

<sup>3</sup> Alberto Lima Abib Wermelinger Monnerat é economista aposentado do Banco Central do Brasil, liquidante de instituições financeiras do sistema bancário, diretor financeiro de empresas brasileiras no exterior. Descendente das famílias Suíças Wermelinger-Eggl, Monnerat-Koller, Stutz-Huber e Borer-Wherli, todas chegadas ao Brasil no movimento migratório de 1819. Membro da Société Fribourgeoise des Écrivains, do Canton de Fribourg - Suíça, da Société d'Histoire du Canton de Fribourg, da Academia Friburguense de Letras, do Colégio Brasileiro de Genealogia. Articulista eventual na revista *Swisscam*, da Câmara de Comércio Suíço-Brasileira, e do jornal *SWISSINFO*, editado em 10 idiomas pelo Governo Suíço. Tem diversas obras publicadas, em vários idiomas (patois grüerien, português, francês, alemão e senslertütsch), no Brasil e na Suíça.

## Introdução

---

O professor e pesquisador suíço Martin Nicoulin, em sua tese de doutorado na Universidade de Fribourg, Suíça, publicada em *A gênese de Nova Friburgo*<sup>4</sup>, narra a saga dos imigrantes suíços que colonizaram Nova Friburgo (RJ), no período 1817/1827. Entre os imigrantes da primeira leva, que chegaram a Nova Friburgo em dezembro de 1819, estava **Jean Abram Frauche**, registrado por Nicoulin<sup>5</sup> como sendo Louis Abraham Fauchez. Era o único Frauche ou Fauchez entre os emigrantes suíços embarcados nos oito navios saídos da Holanda e que conseguiram chegar à Colônia Nova Friburgo.

---

<sup>4</sup> NICOULIN, Martin. *A gênese de Nova Friburgo – Emigração e colonização suíça no Brasil – 1817-1827*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 277.

O pesquisador e escritor cantagalense, Henrique Bon, talvez com base na obra de Martin Nicoulin e em outras publicações, em seu excelente livro *Imigrantes – A saga de primeiro movimento migratório organizado rumo ao Brasil às portas da independência*<sup>6</sup>, às páginas 449 e 450, registra o Frauche como sendo Jean Louis Abraham Fauchez. É o mesmo Jean Abram Frauche, natural de Vaud, protestante e francófono, que, com apenas 17 anos, aportou no Rio de Janeiro, a bordo do veleiro *Elisabeth et Marie*, em 6 de dezembro de 1819.

A lista de passageiros do navio *Elisabeth et Marie*, tendo como Capitão A. Struyck, que partiu de Amsterdã, Holanda, em 10 de outubro de 1819 e aportou na Baía de Guanabara em 6 de dezembro do mesmo ano, transportando parte dos imigrantes para a Colônia Nova Friburgo, foi enviada a Dom João VI por Monsenhor Pedro Machado de Miranda Malheiros, Inspetor da Colônia, em 10 dezembro de 1819. Nessa lista, encontra-se o nome de **João Abram Fauche**, como pode ser constatado na cópia do original, arquivada na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e por ela certificada:

---

<sup>6</sup> BON, Henrique. *Imigrantes: a saga do primeiro movimento migratório organizado rumo ao Brasil às portas da independência*. Nova Friburgo, RJ: Imagem Virtual, 2004.

Porho na Real Presença de Vossa  
Majestade a Lista dos Colonos  
visados no Navio Elizabeth e  
Maria, pela q.<sup>a</sup> se verifica  
serem os Mostros de canoas  
e os elegados aqui duzentos  
e nove. Segunda feira  
13 de corrente, não determinando  
Vossa Magestade o  
contrario sabrá deste sitio  
o q.<sup>a</sup> e seu destino com a mes-  
ma Ordem, que se tem practi-  
cado com os outros.

Deos guarde a Vossa Mag-  
tade muitos annos.

Tambem To de Dezembro  
de 1819/

*Lista Anual de 1798 Colônia de São Paulo, em 10 de Junho de 1798, com os nomes dos habitantes e seus respectivos ofícios, e a quantidade de escravos que possuem, e a quantidade de escravos que possuem, e a quantidade de escravos que possuem.*

<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Profissão</i>	<i>Observações</i>
<i>João de Deus</i>	<i>37</i>	<i>Capitão</i>	
<i>Antônio de Mattos</i>	<i>37</i>		
<i>João de Deus</i>	<i>8</i>		
<i>Antônio de Deus</i>	<i>4</i>		
<i>João de Deus</i>	<i>2</i>		
<i>Francisco de Deus</i>	<i>13</i>		
<i>João de Deus</i>	<i>14</i>		
<i>Francisco de Deus</i>	<i>11</i>		
<i>Antônio de Deus</i>	<i>10</i>		
<i>Francisco de Deus</i>	<i>8</i>		
<i>Francisco de Deus</i>	<i>30</i>	<i>Padre</i>	
<i>Antônio de Deus</i>	<i>31</i>		
<i>Francisco de Deus</i>	<i>19</i>		
<i>João de Deus</i>	<i>10</i>		
<i>Francisco de Deus</i>	<i>7</i>		
<i>João de Deus</i>	<i>17</i>		

Para que não haja dúvidas quanto à grafia correta do nome do patriarca da Família Frauche no Brasil, fazemos, em seguida, a transcrição do original acima:

Senhor

Ponho na Real Presença de Vossa Magestade a Lista dos Colonos vindos no Navio Elizabeth e Maria, pela q. se verifica serem os mortos dezenove e os chegados aqui duzentos e nove. Segunda feira 13 do corrente, não determinando Vossa Magestade o contrário, sahirão deste sítio para o seu destino com a mesma ordem, que se tem practicado com os outros.

Deos guarde a Vossa Magestade muitos anos.

Tambi em 10 de Dezembro de 1819.

Lista Nominal de 228 Colonos Suissos que em 10 de Outubro embarcarão em Amstherdam abordo do Navio Elisabeth et Marie Capitão A. Struyck para o Rio de Janeiro onde chegarão 209 por terem morrido 19 na viagem em 7 de Dezembro as 5 da tarde, tendo desembarcado no dia 8 do mesmo mez pelas 10 horas da manhã chegando os últimos transportes a Tambi a Fazenda do Coronel João de Souza Lobo as 8 horas da noite do mesmo dia<sup>7</sup>.  
ista dos passageiros do navio Elisabeth et Marie

---

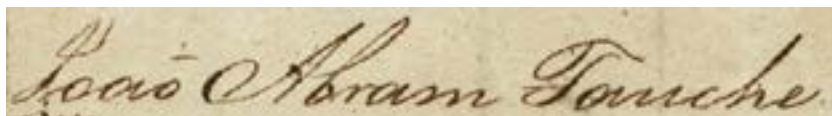
<sup>7</sup> Mantida a grafia do original.

Cantão	Embarcação em Amsterdã	Chegarão na viagem	Nome	Idade	Ofícios	Observações
Vaud	5		Augusto Friaux	37	Espingardeiro	
			Eleonor sua mulher	37		
			Luis filho	8		
			Felis dito	4		
			Luiza	2		
	5		Francisco Luis Tacheron	15		
		I	João Pedro	14		
			Samuel	11		
			Maria	10		
			Nanete	5		
	5		Francisco Baudin	32	Pedreiro	
			Marie sua mulher	31		
			Lizeta filha	12		
			João filho	10		
			Nanete filha	7		
	I	➔	João Abram Fauche	17		

Verifica-se, portanto, que **Jean Abram Frauche** foi registrado como **João Abram Fauche**, na lista dos passageiros do veleiro *Elisabeth*

*et Marie*, já com o nome de um cidadão português, assim como os demais, conforme exigência de D. João VI, que consta do Tratado da colonização suíça de Nova Friburgo.

Monsenhor Miranda grafou o sobrenome FRAUCHE sem o “r”. Não há, no original arquivado na Biblioteca Nacional, na Seção de Manuscrito, conforme certidão expedida por esse órgão, nenhuma possibilidade de **Fauche** ser confundido com **Faucherz**, como fizeram todos os pesquisadores, desde Martin Nicoulin, e nas listas que correm na Internet. É bem nítido o registro feito pelo Monsenhor Miranda, como se verifica a seguir:

A photograph of a handwritten signature in cursive script. The signature reads "João Abram Frauche". The ink is dark and the paper appears aged and slightly yellowed.

O nosso patriarca, todavia, aparece nos documentos pesquisados por Henrique Bon, após sua migração para São Sebastião do Paraíba, em Cantagalo (RJ), assim como na placa de sua sepultura, no cemitério da vila de São Sebastião do Paraíba, como **João Abrom Frauche**, nome que parece ter sido adotado por ele em sua vida no Brasil ou ter sido alterado pelos sucessivos escribas, nas igrejas, cartórios e periódicos da época. Mas o sobrenome **FRAUCHE** foi mantido nesses registros.

Havendo dúvidas sobre as informações conhecidas, diversos descendentes de Jean Abram Frauche procuraram informações diretamente na Suíça, como o médico Fabiano Bianchi, de Itaperuna (RJ), o empresário Clóvis Ozenil de Souza, de Volta Redonda (RJ), e seus filhos Weverton Gesiel de Souza e Clóvis Ozenil de Souza Júnior.





Da direita para a esquerda: Jean Pierre Frauche, Clóvis Ozenil de Souza, os filhos deste, Weverton Gesiel de Souza e Clóvis Ozenil de Souza Júnior, e o tradutor, Yuri, em Estavayer-le-Lac, às margens do Lago Neuchâtel, na Suíça, de onde Jean Abram Frauche partiu para o Brasil, em 4 de julho de 1819.

Em meados de junho de 2015, Clóvis e seus filhos, após contatos com Jean-Pierre Frauche, residente na comuna de Bussigny, próxima a Lausanne, no Cantão de Vaud, Suíça, viajaram até Lausanne e, ciceroneados por Jean-Pierre e a esposa, Deborah, com a intermediação do tradutor Yuri, um brasileiro residente na Suíça, viajaram de Lausanne até Ursins, para conhecerem a comuna onde nasceu Jean. Conseguiram obter o registro de nascimento do nosso patriarca, com o sobrenome correto – FRAUCHE –, na Prefeitura de Lausanne, capital do Cantão de Vaud, mediante cópia de página do livro da antiga igreja de Ursins, em microfilme, nos seguintes termos:

*Frauche, Jean Abram, fils de Pierre Abram Frauche d'Ursins et de  
Marion Peitrigner sa femme, né le 27. 7<sup>bre</sup> a été baptisé  
dans l'Eglise d'Ursins le 10<sup>bre</sup> 1802. Parr: Jean Abram Beney  
de Vallayres. Marr: Marion Christin d'Ursins, et Jeanne  
Baudin aussi d'Ursins.*

Por esse registro ficamos sabendo que **FRAUCHE, Jean Abram**, é filho de Pierre Abram Frauche, de Ursins, e de Marion Peitrigner, sua esposa, nascido em 27 de setembro e batizado na Igreja de Ursins em 10 de outubro de 1802, tendo por padrinho Jean Abram Beney, de Vallayres, e madrinhas Marion Christin, de Ursins, e Jeanne Baudin, também de Ursins, sendo o único **Frauche** imigrante suíço para a Colônia Nova Friburgo.



O órgão suíço *Archives Cantonales Vaudoises*, do Cantão de Vaud, informa o registro de cinco filhos do casal Pierre Abram Frauche e Marion

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Ursins,+Switzerland/@46.735489,6.66799,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1s!17061335!2e!13e1016s%2F%2Fstorage.googleapis.com%2Fstatic.panoramio.com%2Fphotos%2Fsmall%2F117061335.jpg!7i1200!8i94!4m2!3m1!1s0x478dd1d812116f65:0x891feba63f48ac5b16m!!1e1>> Acesso em: 24 nov. 2015.

Peitigner, incluindo Jean Abram, nascidos em Ursins:

- 1 - **Françoise Frauche**, nascida em 4/6/1799.
- 2 - **Jean Abram Frauche**, nascido em 27/9/1802.
- 3 - **Jeanne Frauche**, nascida em 25/9/1804.
- 4 - **Jean Pierre Frauche**, nascido em 26/3/1806.
- 5 - **Jean Pierre Frauche**, nascido em 30/3/1808.

Podemos observar que os dois últimos filhos do casal têm o mesmo nome – Jean Pierre Frauche –, um nascido em 26 de março de 1806 e o outro, em 30 de março de 1808. Uma diferença de dois anos. Possivelmente, o Jean Pierre, nascido em 1806, tenha falecido antes de completar um ano de idade e o filho seguinte, nascido em 1808, herdou o seu nome.

O casal Deborah-Jean Pierre Frauche conseguiu identificar, além dos encontrados nos *Archives Cantonales Vaudoises*, mais uma irmã de Jean Abram **Frauche**, nascida em 1810, com o nome de **Marie**.

Jean Abram **Frauche** era um jovem corajoso que, talvez por ter ficado órfão aos 14 anos de idade e diante da situação socioeconômica da Suíça, resolveu tentar novos horizontes no Brasil. Deixou a sua comuna, Ursins, com a idade de 17 anos. Ele se juntou a 187 suíços de Valais, Vaudois e Fribourg que emigraram, em 1819, para o Brasil, partindo de Estavayer-le-Lac, no Lago Nechâtel.

## Brasil e Suíça – Século 19, segunda década

---

Em 16 de dezembro de 1815, o Brasil passou da categoria de colônia à de Reino Unido ao Reino de Portugal, com a denominação de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, sendo rei D. João VI. A capital era a cidade do Rio de Janeiro. Em 7 de setembro de 1822, o Reino do Brasil declarou sua independência, proclamada por D. Pedro I, e, em 12 de outubro do mesmo ano, passa a Império do Brasil. Essas mudanças geopolíticas terão influência fundamental sobre a Colônia Nova Friburgo.



Carta de Lei de D. João VI elevando o Brasil à categoria de Reino, passando a integrar o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/projetos/expo/djoaovi/depoisdjoao.html>> Acesso em: 3 maio 2016.

Em 1819, o Brasil contava com 3.596.132 habitantes, dos quais, 1.107.389 era negros escravos, além de 800 mil indígenas. A província do Rio de Janeiro contava com 510 mil habitantes, dos quais 23% eram escravos.

O período 1815/1822 foi bastante conturbado no Brasil, com a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro e posterior volta a Lisboa. A Corte foi instalada na cidade do Rio de Janeiro que à época era, conforme Gomes:

[...] uma cidade colonial e quase africana, com dois terços da população formada por negros, mestiços e mulatos, repleta de homens de grossa aventura: traficantes de escravos, tropeiros, negociantes de ouro e diamantes, marinheiros e mercadores das Índias.<sup>10</sup>

O Brasil ainda era uma colônia, na prática, mesmo fazendo parte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Com o Rio de Janeiro sendo capital da Corte, todavia, foi possível alguns avanços, em particular, nas áreas educacional e cultural. Antes de 1808 era proibido à colônia brasileira ter instituições de ensino superior e periódicos. A partir da vinda de D. João VI, teve início a publicação do primeiro jornal – Gazeta do Rio de Janeiro – e as primeiras faculdades – Direito e Medicina – e, em seguida, as Engenharias.

A transferência da Corte Real para o Brasil trouxe novas oportunidades de desenvolvimento econômico. O nosso país passou a ser visto, na Europa, como novo eldorado do Novo Mundo – as Américas.

---

<sup>10</sup> GOMES, Laurentino. 1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007, p. 125.

Enquanto isso, a Confederação Helvética, a Suíça, passava por crises internas que estavam aniquilando as oportunidades de emprego e empreendedorismo. A miséria grassava em vários cantões suíços, gerando fome e mortes. A indústria helvética sofre com o desembarço dos ingleses na exportação de máquinas e produtos com preços aviltantes. O Cantão de Vaud também sofre com a miséria e o desemprego em sua região, alcançando a pequena comuna de Ursins.

Até 1798, a atual Suíça era identificada como Confederação Helvética, integrada por estados independentes, que existiu entre os séculos 13 e 18. Invasão pelas tropas de Napoleão Bonaparte, ocorrida em 5 de março de 1798, a Confederação passou a chamar-se República Helvética, de breve duração.

Em 1814, iniciou-se, em Viena, um Congresso destinado a reorganizar a geografia política da Europa, após um conturbado período de revoluções, que arrasou a economia e as populações de diversos países, incluindo a Suíça. Esse Congresso consagrou a criação da Suíça, com a junção de 22 cantões, que declarou a sua neutralidade permanente.



Cena do Congresso de Viena<sup>11</sup>,

A região de Ursins, distrito de Jura-Nord Vaudois, Cantão de Vaud, origem de Jean Abram Frauche, também sofria as consequências dos problemas que estavam atingindo a Confederação Helvética, como a miséria, o desemprego e a falta de oportunidades de trabalho. Não havia perspectivas para a maioria de seus habitantes, especialmente, os jovens, como o Frauche, órfão de pai, que contava apenas 17 anos de idade.

<sup>11</sup> Disponível em: <[https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=img&ptbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=623&q=a+su%C3%AD%C3%A7a+de+1815&oq=a+-su%C3%AD%C3%A7a+de+1815&gs\\_l=img.3...12860.19960.0.21674.15.11.0.4.0.0.432.1602.0j3j0j2j1.6.0...0...1ac.1.64.img.5.5.1296...0j0i24j0i10i24.rHBHOSLzV5o#imgdii=zVQaRyW-j3OMvUM%3A%3BzVQaRyWj3OMvUM%3A%3B7y-yHkWxfakIM%3A&imgrc=zVQaRyW-j3OMvUM%3A](https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=img&ptbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=623&q=a+su%C3%AD%C3%A7a+de+1815&oq=a+-su%C3%AD%C3%A7a+de+1815&gs_l=img.3...12860.19960.0.21674.15.11.0.4.0.0.432.1602.0j3j0j2j1.6.0...0...1ac.1.64.img.5.5.1296...0j0i24j0i10i24.rHBHOSLzV5o#imgdii=zVQaRyW-j3OMvUM%3A%3BzVQaRyWj3OMvUM%3A%3B7y-yHkWxfakIM%3A&imgrc=zVQaRyW-j3OMvUM%3A)> Acesso em: 18 jul. 2016.





Quadro que representava a miséria e a morte na Suíça de 1815<sup>12</sup>.

Essa calamidade socioeconômica rompe laços familiares e sociais. A emigração para o Novo Mundo – as Américas – passa a ser uma esperança. Nesse cenário surge o Tratado da Corte Portuguesa com o Cantão de Fribourg, tendo como intermediário Sébastien-Nicolas Gachet, de Gruyères, tido por suíço, mas nascido em Paris, sendo sua mãe natural do Cantão de Fribourg. Assim, o Brasil passou a ser uma esperança para milhares de suíços.

Para essa empreitada, Gachet encontrou um sócio, Louis Bremond. Ambos pretendiam ir além da simples organização da colônia de suíços no Brasil, aqui realizando empreendimentos industriais e comerciais. Todavia, essa sociedade foi desfeita e a emigração suíça foi promovida de forma desorganizada, sem atender a todos os itens do Tratado.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://www.swissinfo.ch/por/su%C3%AD%AD%C3%A7a-terra-de-mis%C3%A9ria/875200>> Acesso em: 18 jul. 2016.

## Suíça – século 21

---

A Suíça, em 2016, é uma República Federal, integrada por 26 estados, chamados cantões. Berna é a sua capital. Está situada na Europa Central; tem fronteiras com a Alemanha ao Norte, a França a Oeste, a Itália ao Sul, a Áustria e o principado de Liechtenstein a Leste.










A população suíça é de aproximadamente 7,8 milhões de habitantes e concentra-se principalmente no planalto, onde estão localizadas as maiores cidades do país.

A Suíça é constituída por quatro principais regiões linguísticas e culturais: alemão, francês, italiano e romanche. É integrada pelos seguintes cantões, em julho de 2016:

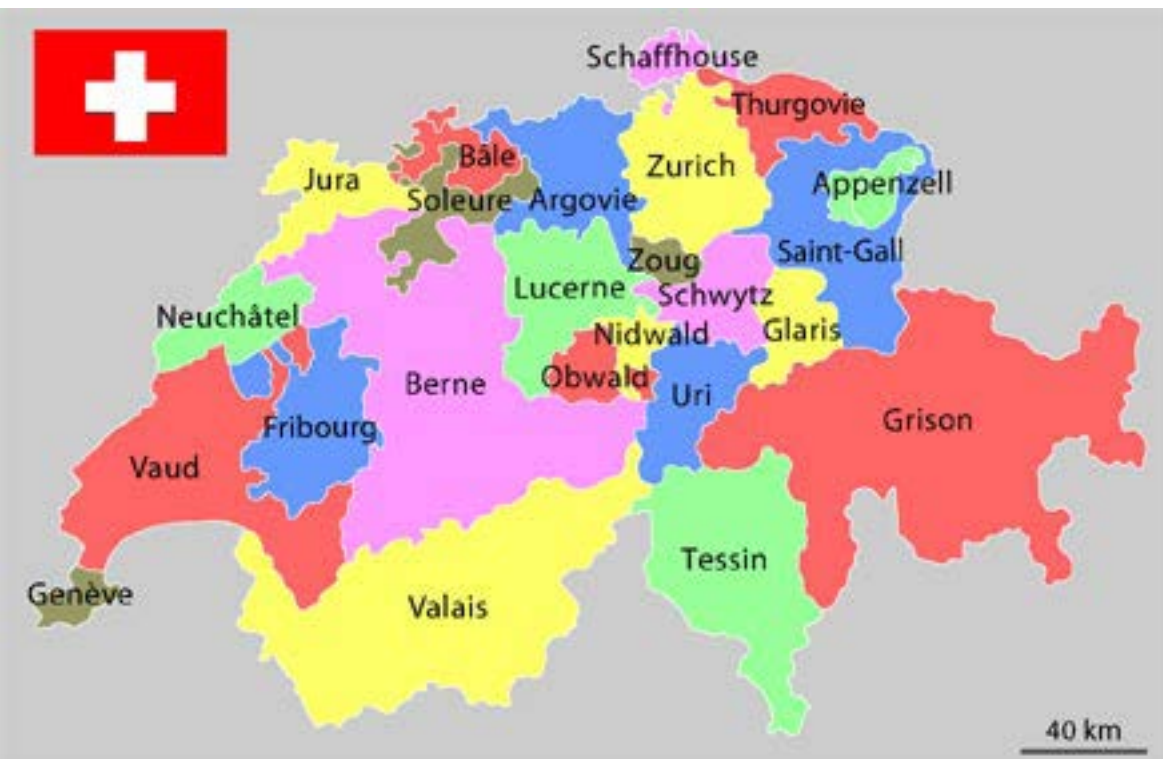
## Cantões da Suíça – 2016<sup>13</sup>

Sigla	Armas	Canton <sup>9</sup>	Capital	População 2014	Comunas	Língua oficial
ZH		Zurich (Zürich)	Zurich	1 371 007	171	allemand
BE		Berne (Bern)	Berne	1 001 281	383	allemand français
LU		Lucerne (Luzern)	Lucerne	377 610	87	allemand
UR		Uri	Altdorf	35 422	20	allemand
SZ		Schwytz (Schwyz)	Schwytz	146 730	30	allemand
OW		Obwald (Obwalden)	Sarnen	35 585	7	allemand
NW		Nidwald (Nidwalden)	Stans	41 024	11	allemand
GL		Glaris (Glarus)	Glaris	38 479	3	allemand
ZG		Zoug (Zug)	Zoug	113 105	11	allemand
FR		Fribourg (Freiburg)	Fribourg	303 377	167	français allemand
SO		Soleure (Solothurn)	Soleure	261 437	121	allemand
BS		Bâle-Ville (Basel-Stadt)	Bâle	187 898	3	allemand
BL		Bâle-Campagne (Basel-Landschaft)	Liestal	275 536	86	allemand
SH		Schaffhouse (Schaffhausen)	Schaffhouse	76 356	27	allemand
AR		Appenzell Rhodes-Extérieures (Appenzell Ausserrhoden)	Herisau <sup>13</sup>	53 017	20	allemand
AI		Appenzell Rhodes-Intérieures (Appenzell Innerrhoden)	Appenzell	15 778	6	allemand
SG		Saint-Gall (St. Gallen)	Saint-Gall	478 907	85	allemand
GR		Grisons (Graubünden, Grischun, Grigioni)	Coire	192 621	178	allemand romanche italien

<sup>13</sup> Disponível em: < [https://fr.wikipedia.org/wiki/Canton\\_suisse](https://fr.wikipedia.org/wiki/Canton_suisse) > Acesso em: 6 set. 2016.

Sigla	Armas	Canton <sup>9</sup>	Capital	População 2014	Comunas	Língua oficial
AG		Argovie (Aargau)	Aarau	635 797	220	allemand
TG		Thurgovie (Thurgau)	Frauenfeld	244 330	80	allemand
TI		Tessin (Ticino)	Bellinzone	335 720	157	italien
VD		Vaud	Lausanne	755 369	318	français
VS		Valais (Wallis)	Sion	327 011	141	français allemand
NE		Neuchâtel(Neuenburg)	Neuchâtel	176 241	53	français
GE		Genève	Genève	490 578	45	français
JU		Jura	Delémont	71 738	64	français allemand (1 commune)
CH		Suisse (Schweiz,Svizzera, Svizra)	Berne (de facto)	8 139 631	2 551	allemand français italien romanche <sup>14</sup>

## Mapa atual da Suíça, com a divisão em cantões<sup>14</sup>



Os cantões estão divididos em distritos e estes, em comunas ou municipalidades.

O Cantão de Vaud<sup>15</sup> está situado na parte ocidental da Suíça e sua capital é Lausanne. Está dividido em dez distritos: Aigle, Broye-Vully, Gros-de-Vaud, Jura-Nord Vaudois, Lausanne, Lavaux-Oron, Morges, Nyon, Ouest lausannois e Riviera-Pays-d'Enhaut.

<sup>14</sup> Disponível em: <[https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=667&q=mapa+da+su%C3%AD%C3%A7a+com+cant%C3%B5es&oq=mapa+da+su%C3%AD%C3%A7a+com+cant%C3%B5es&gs\\_l=img.3...300.19818.0.21371.28.11.0.17.10.0.284.1533.0j10j1.11.0...0...lac.1.64.img..0.14.1419...0j0i10j0i30j0i8i30j0i24j0i10i24.VJ8IghFnok#imgrc=uzVwvwTNSHNEZM%3A](https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=667&q=mapa+da+su%C3%AD%C3%A7a+com+cant%C3%B5es&oq=mapa+da+su%C3%AD%C3%A7a+com+cant%C3%B5es&gs_l=img.3...300.19818.0.21371.28.11.0.17.10.0.284.1533.0j10j1.11.0...0...lac.1.64.img..0.14.1419...0j0i10j0i30j0i8i30j0i24j0i10i24.VJ8IghFnok#imgrc=uzVwvwTNSHNEZM%3A)> Acesso em: 20 jul. 2016.

<sup>15</sup> Para detalhamento, consultar: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Vaud>>.

O Distrito Jura-Nord Vaudois<sup>16</sup> é integrado por 75 municípios, incluindo Yverdon-les-Bains, sua capital. É um dos dez distritos do cantão de Vaud. Faz parte dos novos distritos criados durante a reorganização cantonal de 1º de janeiro de 2008. É constituído por todos os municípios dos antigos distritos de Grandson, do Valle, de Orbe, mais aqueles do distrito de Yverdon, com exceção de Oppens que se juntou ao distrito de Gros-de-Vaud. Possui uma área de 70 252 ha., com 87 453 hab.

A municipalidade de Ursins<sup>17</sup>, onde nasceu Jean Abram Frauche, possui 208 habitantes em uma área de 335ha. Está a 645m acima do nível do mar. Faz divisas com as seguintes municipalidades: Cronay, Essertines-sur-Iverdon, Orzens, Pomy e Valeyres-sous-Ursins.















A comuna de Ursins, em julho de 2016.

<sup>16</sup> Disponível em: <[https://fr.wikipedia.org/wiki/District\\_du\\_Jura-Nord\\_vaudois](https://fr.wikipedia.org/wiki/District_du_Jura-Nord_vaudois)> Acesso em: 1º jul. 2016.

<sup>17</sup> A história de Ursins pode ser acessada em: <http://www.ursins.ch>.


## Comunas do Distrito de Jura-Nord Vaudois Vaud – Suíça<sup>18</sup>

Comunas	Área (ha)	População
 Agiez	547	297
 Arnex-sur-Orbe	761	615
 Ballaigues	903	1 037
 Baulmes	2 253	1 019
 Bavois	934	919
 Belmont-sur-Yverdon	647	357
 Bioley-Magnoux	427	196
 Bofflens	422	189
 Bonvillars	754	514
 Bretonnières	545	236
 Bullet	1 683	596
 Chamblon	286	590
 Champagne	392	1 005
 Champvent	692	600
 Chavannes-le-Chêne	398	274







<sup>18</sup> Disponível em: < [https://fr.wikipedia.org/wiki/District\\_du\\_Jura-Nord\\_vaudois](https://fr.wikipedia.org/wiki/District_du_Jura-Nord_vaudois) > Acesso em: 6 set. 2016.

Comunas	Área (ha)	População
 Chavornay	1 105	4 050
 Chêne-Pâquier	212	132
 Cheseaux-Noréaz	603	663
 Concise	1 140	932
 Corcelles-près-Concise	409	331
 Corcelles-sur-Chavornay	548	330
 Cronay	659	352
 Croy	448	321
 Cuarny	457	204
 Démoret	427	126
 Donneloye	662	728
 Épendes	483	344
 Essert-Pittet	276	151
 Fiez	684	411
 Fontaines-sur-Grandson	785	183
 Giez	477	384
 Grandevent	345	226
 Grandson	786	3 244



Comunas	Área (ha)	População
 Juriens	936	307
 La Praz	512	156
 L'Abbaye	3 188	1 433
 L'Abergement	578	250
 Le Chenit	9 925	4 496
 Le Lieu	3 255	856
 Les Clées	704	176
 Lignerolle	1 066	391
 Method	659	552
 Mauborget	551	110
 Molondin	549	228
 Montagny-près-Yverdon	352	725
 Montcherand	306	471
 Mutrux	321	149
 Novalles	206	102
 Onnens	511	500
 Orbe	1 202	6 738
 Orges	402	274

Comunas	Área (ha)	População
 Orzens	420	197
 Pomy	562	735
 Premier	612	182
 Provence	3 184	373
 Rances	983	436
 Romainmôtier-Envy	697	527
 Rovray	320	165
 Sainte-Croix (Vaud)	3 942	4 732
 Sergey	146	145
 Suchy	666	525
 Suscévaz	415	199
 Tévenon	1 427	760
 Treycovagnes	208	471
 Ursins	335	208
 Valeyres-sous-Montagny	228	642
 Valeyres-sous-Rances	637	584
 Valeyres-sous-Ursins	288	241
 Vallorbe	2 319	3 569

Comunas	Área (ha)	População
 Vaulion	1 317	483
 Villars-Épeney	86	89
 Vugelles-La Mothe	307	137
 Vuitebœuf	506	516
 Yverdon-les-Bains	1 128	28 972
 Yvonand	1 339	3 095
<b>Total: 75</b>	70 252	87 453



Mapa do Cantão de Vaud, com a localização de Ursins em cor<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://www.ursins.ch>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

## Brasil: uma esperança

---

No início do século 19, a Suíça e toda a Europa tinham na mira dois países, situados no chamado Novo Mundo: Estados Unidos e Brasil.

Com D. João VI, o Brasil é palco de agressiva política de desenvolvimento econômico, a fim de promover as transformações sociais indispensáveis aos planos do Império português. D. João VI aposta na agricultura e deseja atrair homens livres para as terras brasileiras, certo de que o escravismo estava com seus dias contados.

O desejo de D. João VI e a situação de crise na Confederação Helvética abrem a oportunidade para a emigração de suíços para o Brasil. O Cantão de Fribourg inicia, então, os contatos para sacramentar a emigração. Contrata os serviços de Sébastien-Nicolas Gachet e o

designa embaixador para negociar com a Corte Portuguesa, no Rio de Janeiro, as condições desse processo, em outubro de 1817.

Em 23 de outubro de 1818, o Governo de Fribourg confirma os resultados das negociações no Rio de Janeiro, felicita Sébastien-Nicolas Gachet, ratifica o tratado de colonização e decide participar da emigração suíça para o Brasil.



Je soussigné *Boéchat (H. J. S.)*  
ayant été admis à faire partie de la Colonie Suisse au Brésil, prends  
l'engagement volontaire et formel de me rendre au premier appel,  
avec *sa femme et huit enfants*  
à Bâle, pour y être embarqué sur le Rhin, à charge de payer, en cas  
de retard, l'indemnité qui sera exigée de moi, pour tous fraix et dom-  
mages en résultant, qui cependant ne devra pas passer la somme de  
deux Louis par tête. Je promets de subvenir aux dépenses nécessaires  
pour le trajet jusqu'au port de mer de Hollande, d'où les fraix seront  
supportés par S. M. T. F.  
*Corintouy le 10<sup>e</sup> Avril 1819.*  
*Henri Joseph Boéchat*  
*Nicoart*

Compromisso firmado por um dos colonos de Fribourg, Henri-Joseph Boéchat<sup>20</sup>, em 1º/4/1819.

O Tratado de colonização é firmado em 11 de maio de 1819, para vinda de 100 famílias suíças. A colônia será estabelecida na Fazenda do

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www.swissinfo.ch/por/cant%3%B5es-su%3%AD%3%A7os-recru-tam-colonos/875202>> Acesso em: 18 jul. 2016.

Morro Queimado, na Serra dos Órgãos, situada no distrito de Cantagalo, próspera região da Província do Rio de Janeiro. Após visita, Gachet escolhe essa região porque viu a possibilidade do desenvolvimento da cultura da pecuária, leite, queijo e vinho. Essas culturas eram familiares aos suíços, assim como o clima frio da Serra dos Órgãos.

Nicoulin revela as intenções de Gachet em seu projeto brasileiro:

“Além da agricultura, que será minha principal ocupação, vou procurar firmemente nessas terras longínquas um modo de colocar nossos produtos manufaturados, o que é desejável nas atuais circunstâncias da Suíça”. Assim, as intenções de Gachet são duplas. Decide partir para a América a fim de dedicar-se à agricultura e ao comércio. Quer conseguir para a indústria suíça, abafada na Europa, um mercado além-mar. Coerente com seus princípios, Gachet vê o Brasil com olhos de burguês colonizador. A ideia agrada ao governo (de Fribourg) que, em 9 de maio, lhe concede uma recomendação elogiosa.

[...]

O governo cantonal de Fribourg “procurou aproveitar essa circunstância para que o governo e as comunas pudessem se livrar do grande grupo de apátridas que tinham a seu cargo”. “Achar um lugar para onde enviar os sem-pátria do cantão”.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> NICOULIN, 1995, p. 45-46.

## A escolha da fazenda Morro Queimado, em Cantagalo

---

A região do distrito de Cantagalo foi a escolhida para a localização da colônia suíça, na Fazenda Morro Queimado, após avaliação de Gachet, mediante relatório firmado em 8 de outubro de 1818:

O distrito de Cantagalo está situado a noroeste do Rio de Janeiro, numa elevada cadeia de montanhas, que corre ao lado de quase toda a costa marítima brasileira, e dista cerca de 25 horas da capital Rio de Janeiro: 20 horas são feitas por via fluvial e cinco por terra.

A maioria destas montanhas é de granito, coberta até ao seu topo com uma camada de terra arável de cerca de 5 a 6 pés. Rios e riachos regam e percorrem a terra. Por causa das inúmeras cachoeiras os rios não são navegáveis. Em geral são piscosos apenas nos vales, mas suas águas são boas e saudáveis.



A temperatura da região é favorável aos europeus, que podem cultivar a terra durante o ano todo. No verão a temperatura não ultrapassa os 26°C, o que dificilmente ocorre em Lucerna. O frio mais intenso só traz geada, que se desfaz aos primeiros raios do sol. A diferença entre o verão e o inverno, no distrito de Cantagalo, destinado aos suíços, influi pouco sobre o crescimento das plantas. E, mesmo que as árvores percam as folhas durante o inverno, as hortaliças continuam a ter praticamente a mesma produtividade como as demais estações.

Existem tipos de terra de diferentes tonalidades: vermelhas, amarelas, cinzas e pretas, que favorecem a produtividade, de forma maior ou menor. Existem também diversas espécies de argila, que são próprias para a confecção de telhas e cerâmica pra uso doméstico. O solo no Brasil é sumamente produtivo; tudo cresce com tachões, galhos cortados de árvores e arbustos, que brotam logo que são colocados na terra. Quase cada mês pode-se semear diversas qualidades de hortaliças. As batatas amadurecem duas vezes e são especialmente boas, macias e doces. As vermelhas são ainda mais doces do que as marrons. De todos estes produtos, porém, o milho (ou centeio suíço ou centeio turco) é o mais frutífero, pois produz de 200-300 por um. Quando moído, oferece um alimento muito bom, e é, ao lado da mandioca, um substituto do pão para os moradores do interior, ricos e pobres, e também para os escravos.

As aves domésticas, como galinhas, gansos, patos e pombos, desenvolvem-se de acordo com a fertilidade do solo e do clima. O mesmo acontece com os porcos, etc. As ovelhas não são muito apreciadas. Os bovinos têm boa aparência e não ficam atrás dos suíços. O fato de as vacas produzirem pouco leite, por serem tratadas de maneira errada, facilmente pode ser reparado. Os cavalos brasileiros não se assemelham aos suíços no que tange à sua força e aparência. Mas para tração, montaria e carregar peso

utilizam-se as mulas, que são em muito maior número do que os cavalos.

É possível que as parreiras também produzam. Árvores frutíferas, como macieiras, pereiras, nogueiras e castanheiras, teriam a mesma produtividade que na Europa, desde que plantadas de forma adequada. Para o cultivo do café, da cana de açúcar e do algodão e outros produtos agrícolas a terra destinada para a colonização é alta demais e o clima muito frio, para que produza a contento. Mas, mesmo assim, se os agricultores se dedicassem exclusivamente a estes cultivos, seria possível conseguir para eles terras, em clima mais favorável para tal finalidade.

Sou testemunha de ter viajado durante várias horas e não ter encontrado nenhum morador local, que visitei, que não fosse rico e abastado. E, mesmo assim, a maioria, quando aqui se estabeleceu há 30, 20 ou 15 anos, praticamente não recebeu as benesses do monarca magnânimo.<sup>22</sup>

Esse relatório, elaborado no embalo do “aqui, nesta terra, em se plantando, tudo dá”, frase atribuída a Pero Vaz de Caminha, após o descobrimento do Brasil, e das “benesses do monarca magnânimo”, fez com que o governo do Cantão de Fribourg aceitasse a oferta do Rei D. João VI e firmasse o Tratado de colonização. A divulgação desse relatório e das benesses prometidas foram espalhadas por diversos cantões da Suíça e convenceu centenas de suíços a se alistarem na aventura que resultou na Colônia Nova Friburgo, na Fazenda do Morro Queimado, no então distrito de Cantagalo, na província do Rio de Janeiro.

A fazenda Morro Queimada tinha pequena estrutura, com algumas casas, plantações e uma capela.

---

<sup>22</sup> HECHT, Joseph. A imigração Suíça no Brasil 1819-1823 (descrita por um participante). Tradução de Armindo Müller. Nova Friburgo, RJ [s.n.], 2009, p. 23/24.

## Visão geral de parte da Fazenda Morro Queimado 1820<sup>23</sup>



<sup>23</sup> Disponível em: <<http://avozdaserra.com.br/colunas/historia-e-memoria/noticias-do-morro-queimado-ultima-parte>> Acesso em: 20 jul. 2016.

## O Tratado de colonização

---

Em 16 de maio de 1818, depois das tratativas desenvolvidas ao longo daquele ano, D. João VI assina decreto que ratifica o Tratado de colonização firmado por Gachet, como agente de sua excelência o magistrado e dos senhores conselheiros da cidade e da república de Fribourg junto “sua fidelíssima Majestade”, nos seguintes termos:

Fui Servido aprovar as Condições na data de onze do corrente mez, acceitas pelo Agente do Cantão de Fribourg, Sebastião Nicoláo Gachet, que acompanhão este Decreto, e com as quaes Concedí a permissão para o estabelecimento neste Meu Reino do Brasil de huma Colônia de Suissos composta de cem Familias. Thomaz Antônio de Villanova Portugal, do Meu Conselho, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, encarregado interinamente da Repartição dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra, e da

Presidencia do Meu Real Erario assim o tenha entendido, e faça executar com os Despachos necessários. Palácio do Rio de Janeiro em dezesseis de Maio de mil oitocentos e dezoito.<sup>24</sup>

Anexo ao decreto estão as “CONDIÇÕES SOB AS QUAIS SUA MAJESTADE MUITO-FIEL QUIS CONCEDER AO SENHOR SEBASTIÃO NICOLAO GACHET, AGENTE DO GOVERNO DE FRIBOURG, UM ESTABELECIMENTO PARA UMA COLÔNIA SUÍÇA NOS ESTADOS DO BRASIL”<sup>25</sup>.

Segundo o Tratado, a colônia, por “benevolência de Sua Majestade”, terá o nome de Nova Friburgo, localizada no distrito de Cantagalo, província do Rio de Janeiro, em homenagem ao Cantão de Fribourg. Sébastien-Nicolas Gachet era responsável pelo recrutamento dos suíços para a formação da colônia, como representante desse Cantão.

Por essas condições:

- Sua Majestade digna-se conceder o pagamento das despesas referentes ao estabelecimento “de algumas famílias de colonos, homens, mulheres e crianças, até o limite de cem famílias, todas de religião católica apostólica romana”;
- pagar a passagem desses colonos até o porto do Rio de Janeiro e dar-lhes ajuda e mantimento para dirigirem-se ao distrito de Cantagalo, à Colônia Nova Friburgo;
- cada família, segundo o número de membros, receberá, como sua propriedade, por concessões e sem qualquer encargo,

---

<sup>24</sup> Mantida a grafia do original.

<sup>25</sup> NICOULIN, 1995, págs. 236-238.

determinada quantidade de terra; além disso, animais: bois, cavalos ou burros de carga, vacas, ovelhas, cabras ou porcos; e, para plantar e semear, trigo, feijão, favas, arroz, batatas, milho, grãos de mamona para fazer óleo, sementes de linho e de cânhamo; receberá mantimentos ou dinheiro para comprá-los, durante os dois primeiros anos de sua permanência;

- conceder a cada colono 160 reis por dia, durante o primeiro ano, e 80 reis durante o segundo;
- entre os colonos deverá haver carpinteiros, marceneiros, ferradores, serralheiros, pedreiros, moleiros, sapateiros, curtidores, alfaiates, tecelões, oleiros, telheiros etc., “os quais deverão ensinar aos colonos portugueses que quiserem aprender”;
- deverá haver ainda um cirurgião, um médico, um farmacêutico e “até um ferrador com experiência em veterinária, aos quais Sua Majestade dignará conceder uma gratificação anual”;
- “dois ou quatro eclesiásticos para pregar o culto divino”;
- os colonos suíços terão isenção, por dez anos, “de toda espécie de encargos pessoais e de impostos territoriais [...]”; excetuando-se o direito sobre o ouro, de que os suíços deverão pagar o quinto, como os antigos súditos de Sua Majestade”;
- o colono que desejar voltar à Suíça “não será impedido, mas só poderá dispor da metade de seus bens e imóveis durante os vinte primeiros anos do estabelecimento da colônia; a outra metade pertencerá à comuna de que fará parte, a fim de aumentar-lhe os lucros”.

O Tratado, firmado entre a Corte Portuguesa e o Cantão de Fribourg, acabou por abrigar suíços de outros cantões e sem os cuidados de seleção previstos. Jean Abram Frauche, por exemplo, era protestante e não tinha profissão definida, aos 17 anos de idade. Em vez de 100 famílias, Gachet recrutou mais de 2 mil suíços para a aventura de Nova Friburgo.

A exigência referente à vinda somente de “famílias de colonos [...], todas de religião católica apostólica romana” foi ignorada. Entendimentos havidos entre os governantes de Berna e o Cônsul de Portugal na Suíça, J. B. Bremond<sup>26</sup>, permitiram a vinda de uma minoria protestante. Durante a permanência dos emigrantes em Dordrecht, na Holanda, esse grupo de protestantes formou um “Colégio de Vigilância”, com o objetivo de defender seus interesses religiosos junto D. João VI.

---

<sup>26</sup> OLIVEIRA, Waldir Freitas. A saga dos suíços no Brasil – 1557-1945. Joinville, SC: Letradágua, 2007, p. 11-12.

## Localização Municipal de Nova Friburgo e de Cantagalo<sup>27</sup>

1819



2016



<sup>27</sup> Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-34.htm>> Acesso em: 18 jul. 2016.



## De Ursins - Suíça a Amsterdã - Holanda

---

**Jean Abram Frauche**, nascido em Ursins, em 1802, era um jovem corajoso que deixou a sua comuna, no distrito de Jura-Nord Valois, Cantão de Vaud, Suíça, com a idade de 17 anos. Ele se juntou a 89 pessoas do mesmo cantão e emigraram, em 1819, para o Brasil. Os motivos podem ser identificados na situação de crise social e econômica por que passava a Confederação Helvética, na segunda década do século 19. Jean Abram Frauche, assim como milhares de suíços, desejava ter a oportunidade de trabalho e de uma vida digna. A emigração para o Brasil representava uma “luz no fim do túnel”, com a possibilidade de casa e terra para trabalhar e obter, pelo menos, o seu sustento.

O padre Jacob Joye, um dos imigrantes suíços, que veio a bordo do veleiro Urânia, escreveu “Notas sobre

a viagem dos colonos suíços do primeiro comboio dirigindo-se o seu destino no Brasil (1819-1820)<sup>28</sup>. No primeiro trecho da viagem – de Estavayer-le-Lac, no Lago Neuchâtel, Suíça, até o porto de embarque, em Amsterdã, Holanda –, o Pe. Joye estava no comboio de veleiros que transportava os colonos dos cantões de Vaud – origem de Jean Abram Frauche –, Valais, Genève, Neuchâtel e Fribourg. A narrativa da viagem Suíça-Nova Friburgo tem por base as notas do Pe. Joye, na obra referida, um livreto sem numeração de páginas; quando necessário, optamos por inserir aspas nas transcrições, sem poder citar a página. As demais informações dessa viagem, extraídas do histórico publicado pelo Centro de Documentação D. João VI – Pró-Memória de Nova Friburgo<sup>29</sup> e da bibliografia pesquisada, têm a citação anotada no rodapé.

A viagem teve início em 4 de julho de 1819, em Estavayer-le-Lac, situada às margens do lago Neuchâtel. Ali, foi o ponto de encontro dos emigrantes provenientes dos cantões de Vaud, Valais, Genève, Neuchâtel e Fribourg. Nessa data, eles assistiram, pela manhã, missa celebrada pelo Bispo de Lausanne, que falou aos viajantes com otimismo sobre o futuro que os aguardava. Lembrou aos “heimatlosen”<sup>30</sup> a oportunidade do reencontro com uma nova pátria e recomendou a todos a perseverança no trabalho, as virtudes cristãs e a fidelidade ao Rei D. João VI, de Portugal, que aceitou acolher famílias suíças no Brasil, em Nova Friburgo, Cantagalo (RJ).

---

<sup>28</sup> JOYE, Jacob (Pe). *Anotações sobre a viagem dos Imigrantes Suíços em 1819*. Tradução de Vera Siqueira Jaccoud. Nova Friburgo, RJ: Associação Fribourg–Nova Friburgo, 2005. 2ª ed. rev. e ampliada.

<sup>29</sup> Disponível em: <[http://www.djoaovi.com.br/index.php?cmd=section:da\\_suica\\_ate\\_o\\_brasil#0](http://www.djoaovi.com.br/index.php?cmd=section:da_suica_ate_o_brasil#0)> Acesso em: 24 dez. 2015.

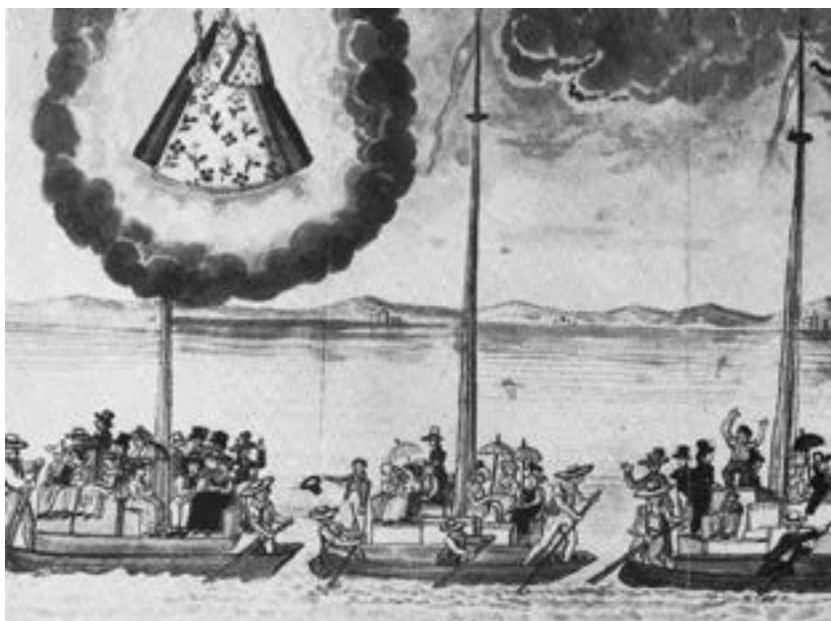
<sup>30</sup> Sem teto, sem pátria, cf. <<https://translate.google.com.br/#de/pt/heimatlosen>> Acesso em: 2 jul. 2016.



Monumento comemorativo, no porto de Estavayer-le-Lac, às margens do Lago Neuchâtel, que marca a saída dos colonos suíços para a Colônia Nova Friburgo. Tradução: “EM MEMÓRIA DA PARTIDA DOS SUÍÇOS DESTE PORTO PARA FUNDAR NOVA FRIBURGO NO BRASIL”. Ao lado do monumento, Fabiano Bianchi, membro da Família Frauche.

Três barcas, ancoradas no porto de Estavayer-le-Lac, esperavam os emigrantes, e uma multidão de seis mil pessoas acompanhava os preparativos e as despedidas.

## Embarque em Estavayer-le-Lac - lago Neuchâtel<sup>31</sup>



Essa aquarela, que se encontra na Biblioteca cantonal e universitária de Fribourg, sem autor conhecido, registra a partida dos emigrantes suíços de Estavayer-le-Lac, do Lago Neuchâtel até Mijl, na Holanda.

○ Bispo de Lausanne enunciou seu adeus e sugeriu a semelhança entre o destino dos emigrantes e o dos heróis do Êxodo em busca da terra prometida. O sinal da cruz, abençoando os imigrantes, foi seguido por cânticos entoados pelos colonos. Por volta do meio-dia, iniciou-se festivamente a partida. Ao som de cantos, lentamente os barcos começaram a se mover.

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=img&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=623&q=Embarque+em+Estavayer-le-Lac>> Acesso em: 19 jul. 2016.

## Mapa da região do lago Neuchâtel<sup>32</sup>



Do porto de Estavayer-le-Lac partiu Jean Abram Frauche, em 4 de julho de 1819.

No primeiro dia de viagem, o comboio percorreu o lago de Neuchâtel e desembarcou em Thielle, na extremidade, no canal que liga aquele lago ao de Bienne. Sem a prévia reserva de hospedagem para os viajantes, estes foram obrigados a passar a noite ao relento, já que suas barcas não possuíam cobertura.

No dia seguinte, 5, as embarcações cruzaram o canal de Bienne e chegaram a Nidau, na margem esquerda do rio Aar. Nesse trecho, os viajantes foram vitimados por um forte calor e, ao final do dia, uma tempestade de chuva e granizo deixou-os completamente molhados.

<sup>32</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Lago\\_de\\_Neuch%C3%A2tel](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lago_de_Neuch%C3%A2tel)> Acesso em: 1º maio 2014.

No lago Bienne, alguns emigrantes foram visitar a ilha de Saint Pierre, “pequeno paraíso terrestre”, segundo o Pe. Joye, que serviu de moradia, por algum tempo, a Jean Jacques Rousseau, educador, filósofo, escritor e compositor suíço, uma das principais figuras do iluminismo.

Em 6 de julho, as embarcações aportaram em Soleur, onde os imigrantes foram recebidos de forma festiva. O dia posterior foi gasto no embarque de colonos dessa região.

As embarcações penetraram o Reno, limite da Suíça com a atual Alemanha, no dia 9, e atingiram Laufenboug. Em determinadas épocas era impossível realizar uma navegação segura entre essa cidade e Schaffingen, como ocorreu naquela ocasião. Assim sendo, passageiros e carga seguiram sobre carroças num trecho de aproximadamente uma milha.

Em 10 de julho, Bâle foi o ponto de confluência de todos os emigrantes. Os colonos provenientes de Estavayer-le-Lac se reuniram aos de Berne e da Suíça Alemã. Era visível, nessa fase da viagem, a falta de organização do empreendimento. O atraso das embarcações, desrespeitando o cronograma fixado, motivou a chegada simultânea da maioria dos emigrantes, ocasionando problemas de alojamento. O número de barcos, previsto para a etapa seguinte, através do Reno, também não foi suficiente, em virtude do excesso de bagagem. Esse excesso de bagagem foi atribuído a caixas e barris de uma futura indústria, idealizada pelos agenciadores da imigração, entre eles Gachet, sem a prévia aprovação da Corte portuguesa. Uma carga clandestina. Das seis barcas, apenas quatro possuíam cobertura de tábuas e eram equipadas com fogões, criando problemas para as acomodações e alimentação dos embarcados nas duas restantes.

Somente no dia 13, o primeiro comboio com emigrantes da cidade de Fribourg partiu incompleto de Bâle para Vieux-Brissac, onde os passageiros pernoveram.

No dia 14, chegaram a Kehl, perto de Strasbourg, faltando duas embarcações. Foi o ponto de reunião de todos os viajantes. Ali permaneceram até o dia 15.

No dia 16, o primeiro comboio, agora completo, chegou a Fort-Louis, localidade situada em território francês. Ali, os emigrantes mais abastados adquiriram seus alimentos e os mais pobres preparavam seus alimentos no interior das embarcações, basicamente de pão e carne. À noite, os colonos de mais posse procuravam albergues, dormindo com mais conforto e evitando os mosquitos dos locais insalubres do Reno, enquanto os demais permaneciam nos barcos, dormindo sob um telhado feito de tábuas. Jean Abram Frauche não era “abastado”; as condições de sua acomodação e alimentação devem ter sido bastante precárias, de Estavayer-le-Lac a Amsterdã.

Os habitantes dessas cidades ribeirinhas, geralmente, não recebiam bem os colonos, em decorrência da impressão negativa deixada por levadas anteriores de emigrantes suíços também a caminho do Novo Mundo.

No dia 17, aportaram em Germesheim, na Baviera, onde o Pe. Joye celebrou missa ao ar livre, às margens do Reno. Nesse local, as embarcações foram retidas por seis horas, para a solução quanto a taxas alfandegárias imprevistas.

Chegados a Mannheim, dia 18, os imigrantes estavam alegres, entoando animadas músicas, dançando, fato que despertou a simpatia dos habitantes daquela cidade, considerada pelo Pe. Joye como “encantadora cidade, quer por sua arborização quer por seu traçado regular”.

No dia 19, o comboio chegou a Stuckstad, pequena vila do ducado de Darmastad. Acampados, os imigrantes não encontraram alojamento e alimentos. Pe. Joye registra que os habitantes estavam proibidos de atendê-los, pois, segundo alguns, “alguém poderoso opunha-se à vinda dos colonos suíços para o Brasil”. Esse “alguém poderoso” ou “forças ocultas” não foi identificado.

O dia 20 marca a chegada a Mayence. Durante a viagem os imigrantes passavam o tempo observando a paisagem dos vales e das vilas às margens do Reno. No interior das embarcações a vida coletiva também reservava distrações. Os ofícios religiosos, as preces, as brincadeiras infantis, as conversas e até as discussões afastavam temporariamente o tédio. Acontecimentos alegres ou tristes, como nascimentos e mortes (houve, pelo menos, duas no percurso sobre o Reno) quebravam a monotonia da viagem. Nessa localidade os colonos fizeram provisões de presunto. Tiveram a oportunidade de ouvir uma banda militar da Áustria, que estava nessa cidade.

No dia 21, aportaram em Beupart, na Prússia, retardando a partida por cerca de cinco horas.

Chegaram em Ordenat ou Andernach no dia seguinte, 22. A polícia impôs controle severo sobre as embarcações para verificar se nelas havia passageiros clandestinos.

No dia 23, chegaram a Colônia, “grande cidade, porém muito mal construída”, segundo o Pe. Joye. Dificuldades com taxas alfandegárias marcaram a passagem por essa cidade. Os emigrantes aportaram, em 24 de julho, em Guimmelgest ou Himmelgeist, pequena vila, onde foram obrigados a acampar. À medida que a viagem se alongava, em virtude de entraves alfandegários e da má vontade das autoridades, os colonos



inquietavam-se e, o que era mais grave, ficavam sem recursos para suas despesas. Assim, todos ansiavam pela chegada à Holanda, a partir de onde seriam mantidos pela Coroa portuguesa.

Aportaram em Düsseldorf, na Prússia, no dia 25, um domingo, onde o Pe. Joye celebrou missa cantada na Igreja da paróquia. Passaram a noite em Wessel, na fronteira com a Holanda

No dia 26, finalmente, chegam à primeira cidade holandesa. A navegação foi interrompida. O colono Pierre-Louis Porcelet, de Estavayer-le-Lac, se dirigiu à capital da Província para solucionar novos problemas administrativos. Dormiram duas noites em Sorvit, local da primeira alfândega dos Países Baixos. Porcelet era um aristocrata, médico e militar, tinha 43 anos de idade quando embarcou no veleiro Daphné rumo à aventura no Brasil<sup>33</sup>.

Em 28 de julho, o comboio atingiu o rio Waal, em Nimègue ou Nijmegen, afluente do Reno. Chegando a Dordrecht, no dia seguinte, os colonos foram transferidos imediatamente para Mijl, na Holanda, pequena localidade situada ao sul daquela cidade, onde aguardaram, entre 45 a 80 dias, o embarque definitivo para o Brasil.

---

<sup>33</sup> BON, 2004, p. 754.

## Rota Estavayer-le-Lac, Suíça, a Mijl, Holanda<sup>34</sup>



A viagem dos emigrantes, de Estavayer-le-Lac, Suíça, a Mijl, Holanda, por via fluvial, durou 30 dias, em embarcações sem cobertura, ao relento, sujeitos a chuvas, ventos e sol e com alimentação precária.

<sup>34</sup> Extraído das *Anotações sobre a viagem dos imigrantes suíços em 1819*, de autoria do Pe. Jacob Joye, publicação da Associação Fribourg-Nova Friburgo, com tradução de Vera de Siqueira Jaccoud.

O Pe. Joye informa que a estada dos colonos suíços “foi muito desagradável e pernicioso à saúde”. Os imigrantes foram obrigados a acampar às margens do rio e “dormirem no chão, em depósitos de cereais, de mercadorias e de lenha, onde contraíram o germe de uma febre intermitente que foi a causadora de grande parte da mortalidade no mar”.

A varíola atingiu principalmente as crianças. O surto acabou por ser controlado pelas autoridades sanitárias holandesas, mediante vacinação. Febres intermitentes e disenterias começaram a se manifestar em Mijl e outras ocorrências, em maiores proporções, durante a travessia do Atlântico.

A permanência na Holanda registrou 39 óbitos e muitos enfermos, colaborando para o surgimento da incerteza e do sentimento de abandono entre os colonos.

Jean Abram Frauche chegou em Mijl, Holanda, em 30 de julho de 1819. Ali permaneceu acampado, juntamente com outros viajantes, durante 71 dias. Seu navio, o *Elisabeth et Marie*, zarpou de Amsterdã somente em 10 de outubro, do porto de Den Helder. Nesse período, tendo em vista suas parcas condições financeiras, deve ter ocupado uma das barracas improvisadas, bastante precárias, situadas no acampamento localizado nos pântanos de Mijl. A sua juventude e saúde contribuíram para que aportasse no Rio de Janeiro e chegasse à Colônia Nova Friburgo sem as sequelas dessa torturante viagem, que vitimou mais de 300 emigrantes.

## Acampamento em Mijl, Holanda<sup>35</sup>



Cena do acampamento dos suíços em Mijl, em aquarela de Isaak Schouman. Pode-se visualizar tendas ou barracões improvisados. Os baús e bagagens estão ao relento.

<sup>35</sup> NICOULIN, 1995, p. 132.

## De Amsterdã, Holanda, ao Rio de Janeiro<sup>36</sup>

---

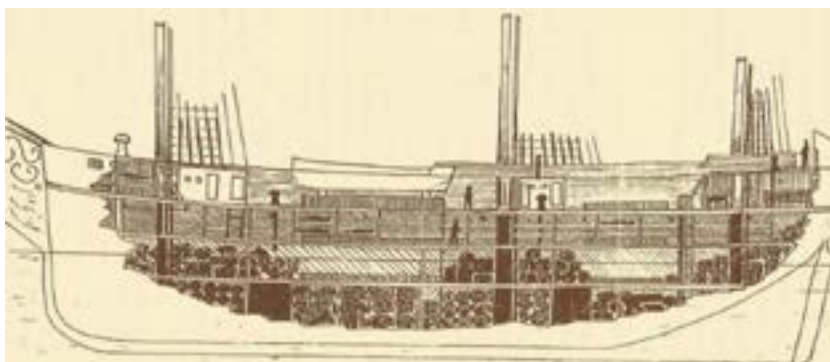
A partida da Holanda para o Brasil iniciou-se em 11 de setembro de 1819, pelo porto de St-Gravendeel, com o veleiro hamburguês *Daphné*, transportando 197 colonos. No dia seguinte, 12, partiram, sucessivamente, o *Urania*, com 437 emigrantes, o *Deux-Catherine*, com 357, e o americano *Debby Elisa*, com 233 jurasianos. Um mês mais tarde, os colonos, remanescentes em Mijl, foram encaminhados para Amsterdã e, de lá, para o porto de Den Helder. Desse porto partiram, no dia 10 de outubro, o *Heureux Voyage*, com 442 passageiros, o *Elisabeth et Marie*, com 228, e o *Camillus*, com 119 imigrantes. E,

---

<sup>36</sup> Com base nos registros históricos do Centro de Documentação D. João VI – Pró-Memória de Nova Friburgo. Disponível em: <[http://www.djoaovi.com.br/index.php?cmd=section:da\\_suica\\_ate\\_o\\_brasil#0](http://www.djoaovi.com.br/index.php?cmd=section:da_suica_ate_o_brasil#0)> Acesso em: 24 dez. 2015.



## Esquema do Urânia, um dos navios usados no transporte dos imigrantes suíços de Amsterdã ao Rio de Janeiro<sup>38</sup>



## Veleiros nos portos de Amsterdã – 1819<sup>39</sup>



<sup>38</sup> BON, Henrique, 2004, p. 77.

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbn=isch&source=hp&biw=1366&bih=623&q=Veleiros+nos+portos+de+Amsterdã+-+|1820>> Acesso em: 1º fev. 2015.

## A travessia do Atlântico

A travessia do Oceano Atlântico até a Baía da Guanabara, na cidade do Rio de Janeiro, foi realizada com navios à vela de diferentes nacionalidades e tonelagens, sete deles transportavam passageiros enquanto um foi lotado com bagagens. Registre-se que a maior parte dos veleiros seguiu viagem com excesso de passageiros, subvertendo as regras de navegação da marinha holandesa, mas sem qualquer impedimento pelas autoridades portuárias da Holanda.

O imigrante Joseph Hecht, registraria mais tarde, depois de retornar à Suíça, as consequências da superpopulação e as condições de higiene de cada veleiro:

Devo, ainda, falar e reclamar do desconforto na hora de dormir. Os sãos tinham um certo pavor da noite. O que tudo não tinham que passar! Havia cheiro de suor, calor e toda a sorte de aromas que quase faziam sufocar. A situação era insuportável para nós. Era necessário ter tamanha paciência que se alguém imaginava ter uma auréola de santidade, pudesse sentir-se lisonjeado. Imagine-se uma grande e comprida caixa, sem janelas para receber ar fresco, onde só existem 2 buracos, um nos fundos e outro no meio, onde é preciso permanecer. Num recinto destes, de 60x15 pés, todos eram obrigados a dormir à noite, tão amontoados que seria impossível colocar um sapato entre eles. Ali se deitavam, lado a lado, jovens e velhos, enfermos e sãos, pequenos e grandes, um verdadeiro espetáculo.

[...]

Recebemos a visita de pequenos insetos, os piolhos, que, por natureza, são muito sociáveis. Eles, aos poucos, foram se tornando tão conhecidos e íntimos, que todos: jovens e velhos, ricos e pobres, portavam uma boa porção deles. Ninguém ficou livre deles.<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> HECHT, 2009, p. 44.





Cena de vida a bordo<sup>41</sup>

Joseph Hecht veio de Lucerna, a bordo do navio *Heureux Voyage*, com dois filhos maiores, Anton e Alöis. Era germanófono e católico. Em Nova Friburgo, ocupou a casa 69 e o lote 65. O seu filho caçula faleceu poucos meses depois da chegada a Morro Queimado; Anton chegou a residir em Cantagalo, trabalhando como ajudante de carpinteiro e, depois, transferiu-se para a cidade do Rio Janeiro. Joseph abandonou a colônia, andou por Cantagalo e a cidade do Rio de Janeiro. Em outubro de 1822, retornou à sua terra natal, desiludido com os resultados do projeto da Colônia Nova Friburgo<sup>42</sup>.

<sup>41</sup> Figura extraída da obra de BON, Henrique. *Imigrantes – A saga do primeiro movimento migratório organizado rumo ao Brasil às portas da independência*. Nova Friburgo, RJ: Imagem Virtual, 2004, p. 58.

<sup>42</sup> BON, 2004, p. 58.

Também o veleiro *Elisabeth et Marie* apresentou superpopulação e precárias condições de higiene, que, felizmente, não afetaram a saúde do nosso patriarca, Jean Abram Frauche.

Um regulamento, com as funções do capitão e sobre as rotinas a serem adotadas a bordo, foi afixado em cada navio. O regulamento previa as práticas religiosas, bem como três refeições diárias, compostas de carnes secas, leguminosas, laticínios, mel, vinho e aguardente. Essa alimentação, carente de vitaminas essenciais à saúde, foi uma das causas das enfermidades e mortes durante a travessia do Atlântico.

A duração da travessia oceânica variou conforme a data de embarque e o volume transportado pelos veleiros. O *Elisabeth et Marie*, em que viajava Jean Abram Frauche, por exemplo, navegou mais rapidamente que o “Urania”, mais pesado, e gastou 21 dias a menos de viagem.

A face mais dramática dessa etapa da viagem ficou registrada no número de óbitos que foi significativo em todos os navios. Dos 228 colonos que embarcaram no *Elisabeth et Marie*, 19 morreram e seus corpos foram lançados ao mar.

Joseph Hecht faz uma descrição pormenorizada do processo de sepultamento em alto mar<sup>43</sup>:

A senhora morta foi enrolada e costurada num lençol e velada por 15 horas ali onde faleceu. Às 6 horas da tarde, o piloto ordenou que a finada fosse conduzida para o lado direito para ser jogada ao mar. Ataram-lhe pedras às pernas e a colocaram sobre uma tábua. O padre reuniu o povo que se comprimia para olhar o sepultamento no mar; fez uma oração em voz alta, com o sinal da cruz sobre ela, a portinha foi aberta, o piloto ergueu a parte de trás da tábua e o corpo começou a deslizar, os pés na frente, para o mar.

---

<sup>43</sup> HECHT, 2009, p. 46.

Todos olharam o cadáver boiar um pouco. Logo foi devorada por tubarões que desde o dia anterior rondavam o navio.

O nosso patriarca Jean Abram Frauche deve ter presenciado várias cenas dessas, com 19 sepultamentos em seu navio, o *Elisabeth et Marie*, mas chegou são e salvo à Fazenda Morro Queimado.

## **A chegada ao Rio de Janeiro**

Aportando à Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro, os colonos não desembarcaram imediatamente, tendo recebido a bordo autoridades brasileiras, médicos e funcionários da alfândega. Somente os passageiros de maior influência tiveram a oportunidade de desembarcar e conhecer a Corte do Rio de Janeiro.

## **A entrada da Baía da Guanabara em 1919<sup>44</sup>**



O *Elisabeth et Marie* aportou no Rio de Janeiro no dia 6 de dezembro de 1819.

O jornal Gazeta do Rio de Janeiro noticiava, em sua edição de 11 de dezembro de 1819, que, “na Gallera Hollandez Elisabeth, chegada

<sup>44</sup> Disponível em: <<http://literaturaeriodedejaneiro.blogspot.com.br/2006/11/imagens-do-rio-antigo.html>> Acesso em: 24 abr. 2016.

de Amsterdam em 58 dias, vierão mais 288 suissos, colonos para Nova Friburgo, termo da Villa de Cantagalo”.<sup>45</sup>

O Pe. Joye registra que “a entrada da baía é soberba. É impossível gozar-se de mais bela vista”. Todavia, não teve o mesmo entusiasmo com a cidade do Rio de Janeiro: “Os arredores são mais bonitos do que a cidade. O calçamento é detestável, as casas bastantes mal construídas. Na maior parte não têm, senão, um andar”.

Poucos imigrantes tiveram autorização para desembarcar e visitar a cidade do Rio de Janeiro. O Pe. Joy foi um deles. Teve a oportunidade de ser recebido pelo Rei D. João VI, saudando-o “com três profundas reverências, de distância em distância”, com o qual conversou, “durante um quarto de hora, mais ou menos”, sobre a viagem “e a situação física e moral dos colonos”.

---

<sup>45</sup> Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749664&pasta=ano%20181&pesq=Elisabeth%20Marie>>. Acesso em: 11 dez.2015.

## O Rio de Janeiro que os imigrantes encontraram em 1819



Fonte: CHAMBERLAIN. Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro em 1819-1820.  
Rio de Janeiro: Kosmos, 1943.

## Da Baía da Guanabara à Colônia Nova Friburgo

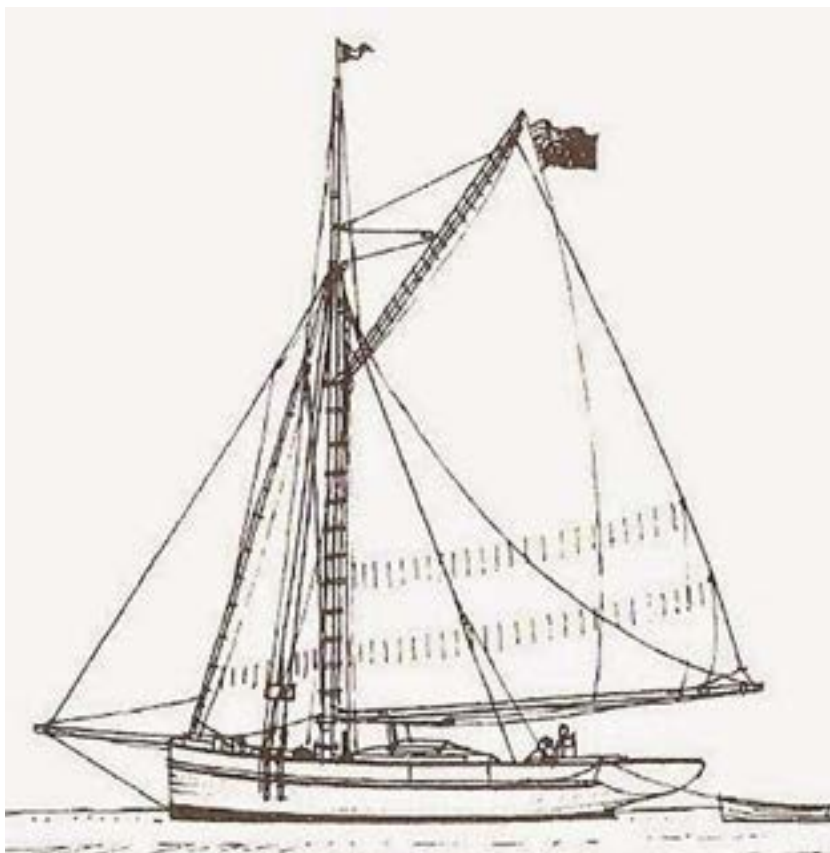
---

Em sua visita à Fazenda Morro Queimado, em 2018, Gachet deixou algumas notas sobre o roteiro de sua viagem do Rio de Janeiro até a referida fazenda. Monsenhor Miranda valeu-se dessas notas para estabelecer o itinerário dos imigrantes suíços da Baía da Guanabara à Fazenda Morro Queimado. O trecho foi dividido em oito etapas: a metade do percurso foi por via fluvial, em chalupas<sup>46</sup>, que podiam abrigar em torno de vinte passageiros cada uma; a parte final foi por terra, seguindo as trilhas deixadas por Mão de Luva e outros desbravadores do sertão fluminense, na subida da Serra dos Órgãos, entre Macacu e Nova Friburgo.

---

<sup>46</sup> Embarcação de pequeno porte a remo ou a vela.

## Chalupa a vela – um dos modelos usados entre 1818/1820<sup>47</sup>



Chalupas foram pequenas embarcações usadas pelos imigrantes suíços, partindo da Baía da Guanabara e saindo por via fluvial até Itamby.

<sup>47</sup> Disponível em: <<http://fotos.sapo.pt/cachinare/fotos/?uid=Pr29Hc9w5dV7AMqNBcPH>> Acesso em: 1º out. 2014.

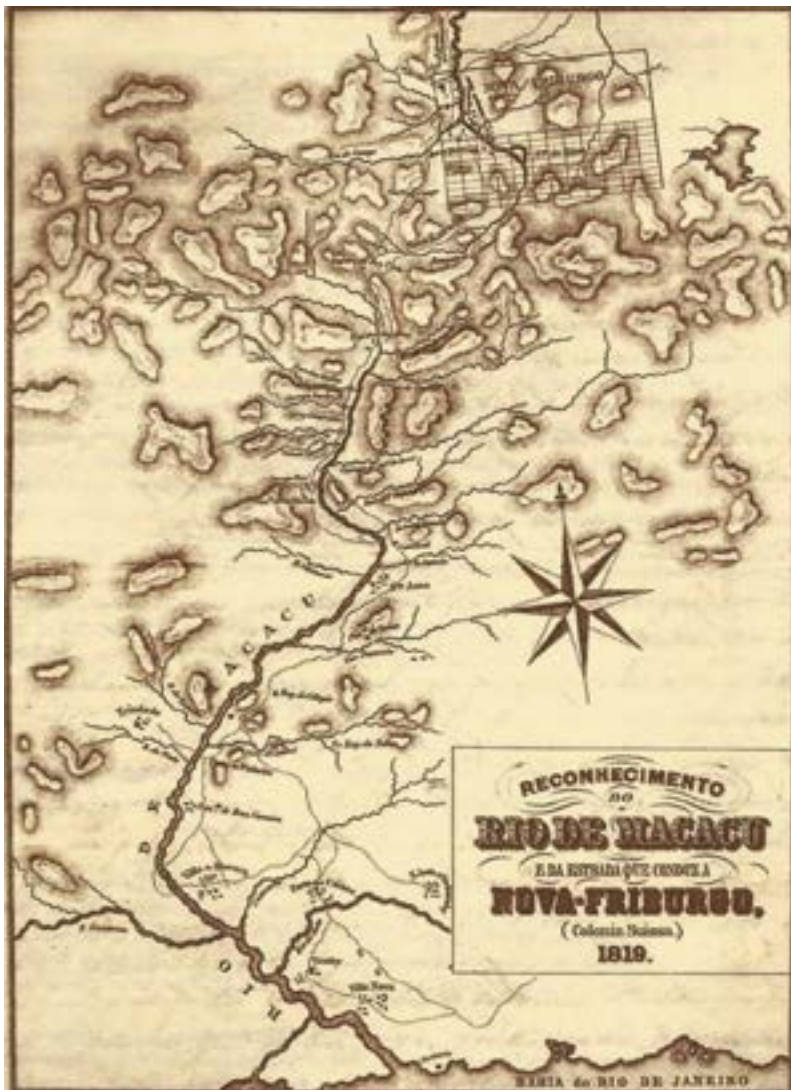
Manoel Henriques, o Mão de Luva, nascido em Ouro Branco, nas Minas Gerais, assim conhecido por usar uma luva na mão direita, talvez aleijada nas lides da mineração, é considerado o fundador de Cantagalo<sup>48</sup>. Era um garimpeiro clandestino que, fugindo das autoridades de Vila Rica (MG) dirigiu-se ao Descoberto dos Sertões do Macacu, estabelecendo-se exatamente onde, mais tarde, foi edificada a cidade de Cantagalo. Ali organizou um núcleo populacional que, em 1784, compunha-se de cerca de 200 moradias. Mão de Luva, como outros garimpeiros clandestinos, para comercializar o ouro na cidade do Rio de Janeiro ou para fugir da perseguição das autoridades do Império, foi desbravando novos caminhos e trilhas, possibilitando aos imigrantes suíços o acesso à Fazenda Morro Queimado, nas trilhas abertas na Serra dos Órgãos, de Cantagalo até Macacu e seguindo para o Rio de Janeiro.

---

48 As referências a Mão de Luva foram extraídas do *e-book A odisseia de Mão de Luva na região serrana fluminense*, de Sebastião A. B. Carvalho. Nova Friburgo, RJ: CEPEC, 2015. Disponível em: <<http://www.nitcult.com.br/odisseia.pdf>> Acesso em: 1º out. 2014.



## Mapa do reconhecimento do Rio Macacu e do caminho para Nova Friburgo<sup>49</sup>



Na parte superior pode-se ver o mapa de distribuição dos lotes da Colônia.

<sup>49</sup> Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbn=isch&source=hp&biw=1366&bih=667&q=reconhecimento+do+rio+macacu+e+da+estrada+que+conduz+a+nova+friburgo&oq=reconhecimento+do+rio+macacu+e+da+estrada+que+conduz+a+nova+friburgo>> Acesso em: 2 nov 2013.

O roteiro da viagem dos imigrantes suíços, da Baía da Guanabara à Colônia Nova Friburgo, pode ser visualizado no mapa a seguir<sup>50</sup>, com ilustrações. Da Baía até Itambi a rota foi fluvial, pelo rio Macacu, com o uso de chalupas. A partir daí a viagem será em carroças, a cavalo ou a pé.



Os imigrantes chegaram a Itambi, pela hidrovia, onde foram abrigados em sessenta tendas, armadas para acolhê-los. Itambi não era um povoado, mas um engenho de açúcar, com um quartel, quatro edifícios e barracas para abrigar os imigrantes. Ali permaneceram por cinco dias.

<sup>50</sup> FRIEDLI, F. F. A emigração de suíços no Estado do Rio de Janeiro os suíços na região de Nova Friburgo. Tradução de Alberto Lima Abib Wermelinger-Monnerat. Nova Friburgo, RJ: Associação "Le Tireur Fribourgeois" de Santa Maria Madalena, 2010, p. 12. Disponível em: <[http://www.atfsmm.ch/assets/a\\_emigracao\\_de\\_suicos\\_no\\_estado\\_do\\_rio\\_de\\_janeiro.pdf](http://www.atfsmm.ch/assets/a_emigracao_de_suicos_no_estado_do_rio_de_janeiro.pdf)> Acesso em: 25 jul. 2016.

De Itambi, sobem o rio até Macacu ou Santo Antônio de Sá, vila de “uma rua só”, criada em 1697, com o Mosteiro de São Boaventura, uma Igreja Católica e um hospital de emergência, para atender aos imigrantes que chegaram doentes. Os imigrantes dormiram “em pouco menos do que o chão duro” em esteiras de palha muito finas, como registra o imigrante Joseph Hechet em seu livro<sup>51</sup>.

### **Ruínas do Mosteiro de São Boaventura<sup>52</sup>**



No Mosteiro de São Boaventura, que se localizava na Vila de Santo Antonio de Sá (Villa Macacu), foi instalado um hospital para atender aos imigrantes suíços enfermos.

A partir de Itambi, as mulheres, as crianças e as bagagens seguem por terra, em carroças; em cavalos, mulas ou a pé, os homens. Chegam à Fazenda do Colégio, “distante 18 quilômetros” da última parada, que

<sup>51</sup> HECHT, 2009, p. 62.

<sup>52</sup> BON, 2004, p. 57.

pertence ao um proprietário “imensamente rico”, com um engenho de cana de açúcar<sup>53</sup>.



Trilha seguida pelos imigrantes suíços, na subida da serra, entre Macacu e a Colônia Nova Friburgo, em 1819. Gravura de autor desconhecido.

Após uma noite de descanso, seguem viagem. Uns param no Campo de Sant’Anna, outros seguem até a propriedade do coronel Ferreira<sup>54</sup>.

<sup>53</sup> NICOULIN, 1995, p. 170.

<sup>54</sup> Mais tarde, essa localidade passou a ser denominada de Cachoeiras de Macacu, sendo reconhecida como município, parada obrigatória dos trens, nos tempos da linha férrea que ligava Cantagalo ao Rio de Janeiro e Niterói.

Percorrem 30 km em um dia. Agora estão no sopé da montanha, nas Cachoeiras de Macacu.

Os desenhos de Daniel Fernandes Campos, insertos no livro “... E os suíços chegaram”<sup>55</sup>, de Alberto Lima Abib Wermellinger Monnerat, este também descendente de imigrantes suíços, dão-nos uma ideia das dificuldades encontradas por Jean Abram Frauche e seus conterrâneos para cumprirem o trajeto entre Macacu e a Colônia Nova Friburgo, bastante íngreme e em trilhas rústicas e perigosas.



<sup>55</sup> WERMELINGER-MONNERAT, 2010, p. 20.

Essas etapas da viagem dos suíços até a Fazenda Morro Queimado são assim descritas por Nicoulin:

As duas últimas etapas são penosas. É a subida da Serra dos Órgãos. Os colonos transpõem desfiladeiros de mais de mil metros. Seguem as trilhas de terra vermelha da floresta tropical. Os bois e as carretas foram deixados na propriedade do coronel Ferreira. Só as mulas ainda prestam serviços. Escravos negros carregam as crianças. Em seu diário, o padre Joye evoca ao último esforço dos colonos, essa marcha exaustiva “através de uma picada muito precária, em meio a terríveis precipícios e desertos imensos”. É assim que depois de 11 a 12 dias de navegação e de marcha, os diferentes grupos chegam a Morro Queimado. A colônia ficará completa em 18 de fevereiro quando da chegada dos passageiros do Camillus.<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> NICOULIN, 1995, p. 171.

O imigrante Joseph Hecht narra a dramática subida da serra até chegar à Fazenda Morro Queimado, na travessia de rios e da floresta densa:

[...] fomos atravessando grandes riachos, passando montanhas e vales. [...] Enquanto andávamos em terra firme, éramos corajosos, mas, quando vimos um riacho de 80 passos de largura, que tínhamos que passar a vau e que as mulas achavam muito ruim, aí não havia perdão: era recuar ou continuar rumo à cidade recém construída para nós. Por sorte esse riacho tão largo não tinha muita correnteza e, para nosso consolo, podíamos ver as pedras do fundo. Mas, mesmo assim, deu medo de atravessá-lo.

[...]

Depois de descansar um pouco, continuamos nossa viagem, andando às cegas, pois não tínhamos sinais de aviso, em nosso caminho. Tivemos de atravessar vários riachos, alguns com água até a metade do corpo, porque era muito raro encontrar pontes ou degraus leves. Encontramos um monte bem alto e levamos quatro horas para subir.<sup>57</sup>

Finalmente, os imigrantes chegam à Fazenda Morro Queimado, após meses de viagem, dos diversos cantões suíços à Colônia Nova Friburgo, enfrentando os mais diversos obstáculos, além de doenças e a perda de entes queridos ou companheiros de jornada. Foram cerca de doze dias de viagem da Baía da Guanabara à Colônia Nova Friburgo.

A fúnebre estatística dessa saga dos imigrantes suíços revela a morte de 389 deles:

---

<sup>57</sup> HECHT, 2009, p. 67-68.

## Estatística fúnebre da transmigração

Imigrantes por cantão	Mortes até a Holanda	Mortes no Atlântico	Mortes em Macacu	Total	%
Argóvia	1	10	3	14	3,5
Berna	8	62	4	74	19,0
Fribourg	28	185	19	232	59,6
Genebra	0	0	0	0	0,0
Lucerna	1	13	3	17	4,3
Neuchâtel	0	0	0	0	0,0
Schwyz	0	3	0	3	0,7
Solothurn	0	12	4	16	4,1
Valais	4	18	1	23	5,9
Vaud	1	8	1	10	2,5
<b>Totais:</b>	<b>43</b>	<b>311</b>	<b>35</b>	<b>389</b>	<b>99,6</b>

Fonte: *A Gênese de Nova Friburgo*.

Um dentre cada seis colonos teve por túmulo o Atlântico. A mortalidade começa na Holanda, aumenta no trajeto pelo Atlântico, continua em Macacu e mantém seu ritmo nos primeiros anos de vida em Nova Friburgo.

Nicoulin procura esclarecer os motivos de tantas perdas de vidas entre os imigrantes suíços:

É normal que o fenômeno tenha se agravado durante a travessia. As más condições a bordo e o excesso de passageiros por navio explicam esse aumento. Mas a principal causa deve ser buscada nos pântanos da Holanda. Aliás, seja nos Países Baixos, no Atlântico ou em Macacu, os médicos e os colonos chegam sempre ao mesmo diagnóstico e falam de “febres intermitentes”, portanto, de malária. Os colonos de Fribourg foram os mais atingidos.



O Urania, por exemplo, teve taxa de mortalidade semelhante à dos navios negreiros do século XVIII. Talvez o tifo, moléstia altamente contagiosa, tenha acrescentado seus malefícios aos do impaludismo. De qualquer modo, a água que os emigrantes do cantão de Fribourg beberam estava muito contaminada.<sup>58</sup>

Dos 2.006 imigrantes que saíram da Suíça, chegaram a Nova Friburgo 1.617, com nascimento de 14 crianças ao longo da extensa viagem. O quadro seguinte registra esses dados por cantão suíço:

### Imigrantes chegados a Nova Friburgo, por cantão

Cantão	Imigrantes	Mortalidade	Natalidade	Total
Argóvia	143	14	0	129
Berna	500	74	3	429
Fribourg	830	232	7	605
Genebra	3	0	0	3
Lucerna	140	17	0	123
Neuchâtel	5	0	0	5
Schwyz	17	3	0	14
Solothurn	118	16	1	103
Valais	160	23	3	140
Vaud	90	10	0	80
<b>Totais:</b>	<b>2.006</b>	<b>389</b>	<b>14</b>	<b>1.631</b>

Fonte: *A Gênese de Nova Friburgo*.

Joseph Hecht lamenta a derrubada das melhores árvores da floresta para a construção das moradias e demais instalações, abrindo uma clareira

<sup>58</sup> NICOULIN, 1995, p. 149.

para a construção das cem moradias. Para ele, o restante da floresta ficou em pé junto com os seus muitos e felizes moradores, os pássaros. Relata, ainda, que a “aparência externa da cidade agradou a todos, mas a disposição interna das casas deixou muito a desejar”<sup>59</sup>. As condições iniciais de vida na colônia foram difíceis, com moradias inadequadas e coletivas, em casas sem cozinha e banheiros, apenas com quatro cômodos, onde deveriam ser abrigadas famílias, em torno de dezesseis pessoas. Joseph Hecht informa que somente depois de três dias da chegada à Fazenda Morro Queimado receberam algum tipo de alimento: carne, biscoitos, arroz e também sal. A comida foi distribuída, mas não havia lenha nem fogo, nem pratos e talheres.

Jean Abram Frauche, passageiro do navio *Elisabeth et Marie*, chegou à Colônia Nova Friburgo em 18 de dezembro de 1819. Levou 164 dias viajando, nas condições mais adversas, de Estavayer-le-Lac, na Suíça, à Fazenda Morro Queimado, no distrito de Cantagalo, onde passou a ocupar a casa 8 e o lote 41.

---

<sup>59</sup> HECHT, 2009, p. 70-71.

## O nascimento de Nova Friburgo

---

Martin Nicoulin descreve a Nova Friburgo de 1819:

Nova Friburgo apresenta uma paisagem fechada. Nesse vale estreito, dominam as linhas verticais. Para qualquer das quatro direções que se vire, a vista mais vê paredões que aberturas. Ao sul, na verdade, há o eixo Minas Gerais-Cantagalo-Rio de Janeiro, mas a paisagem é difícil. Antes de descer para a baixada fluminense, é preciso escalar os picos. É verdade que a leste os declives são menos abruptos. Aliás é nessa direção que as terras serão doadas aos colonos. A oeste, eleva-se uma verdadeira barreira. Os morros dominam a cidade, variando de 80 a 100 metros. E, ao norte, surge o símbolo perfeito dessa paisagem: o cume do Morro Queimado apresenta seu flanco nu. Parece aferrolhar para sempre o lugar.<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> NICOULIN, 1995, p. 175.



## Mapa de Nova Friburgo em 1819<sup>61</sup>



O autor procura justificar a migração com destino a Cantagalo por motivos geográficos:

É essa, no entanto, a abertura natural do vale. É por essas gargantas que o rio flui. O Rio Bengala perde seu nome e torna-

<sup>61</sup> Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart511679/cart511679.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart511679/cart511679.jpg)> Acesso em: 21 ago. 2015.

se o Rio Grande, que desce em direção ao majestoso Paraíba. As altitudes diminuem aos poucos, a paisagem se abre e se humaniza perdendo o rigor vertical, o clima torna-se menos rude. Chega-se a Cantagalo e a suas terras quentes. Iremos ver como, em época subsequente, os colonos irão ceder a esse convite geográfico. Mas primeiro vão tentar agarrar-se às encostas de Nova Friburgo.<sup>62</sup>

Nova Friburgo começa a ser delineada em 6 de maio de 1818, quando D. João VI envia carta ao Monsenhor Pedro Machado de Miranda Malheiros, designando-o Inspetor da Colônia e entregando-lhe a tarefa de comprar a Fazenda do Morro Queimado. Preço da transação: 10.000\$000 reis<sup>63</sup>. Posteriormente, Monsenhor Miranda adquiriu mais duas fazendas, com meia légua cada, não havendo informação sobre o preço dessa transação. A vila foi oficialmente inaugurada em 17 de abril de 1820<sup>64</sup>. Malheiros era Desembargador do Paço e da Mesa de Consciência e Ordens, desde 1810, e Chanceler-mor do Reino, a partir de 1817.

Tendo em vista as dificuldades de Monsenhor Miranda permanecer na Colônia, foi designado para as funções de governador militar, em 14 de janeiro de 1820, o tenente-coronel do Regimento de Milícias de Miranda d'Ouro, João Manoel de Almeida Moraes Peçanha, cavalheiro da Casa de S. Majestade<sup>65</sup>.

---

<sup>62</sup> NICOULIN, op. cit., p. 175.

<sup>63</sup> Reis, nome derivado do Real, moeda portuguesa dos séculos 15 a 16. Mil reis designavam a unidade monetária e reis os valores divisionários, no sistema de base milésimal. Essa moeda vigorou da colonização portuguesa até 30/10/1942.

<sup>64</sup> NICOULIN, 1995, p. 358.

<sup>65</sup> CURIO, Pedro. *Como surgiu Friburgo – Esboço histórico e episódico – 1818-1840*. Nova Friburgo, RJ: [s.n.], 1944, p. 50.

A Colônia Nova Friburgo, para abrigar os imigrantes suíços, foi construída por operários de Minas e de Macacu, sob a fiscalização de Monsenhor Miranda, entre junho e dezembro de 1819. Antes, em abril, já estavam terminados o poço e a varanda do palácio ou residência do inspetor. Para construir as casas usavam cal de Cantagalo.

Nicoulin descreve a Vila minuciosamente:

A vila divide-se em quatro partes. A planta de Queirós datada de 1820 mostra que ela segue o curso do Rio Bengala. Na margem oeste, ao pé do Morro Queimado, fica a administração da colônia. Trata-se do palácio do rei que servirá de centro civil e religioso. É aí que mora o inspetor e seus empregados portugueses. Do outro lado do rio, estende-se Nova Friburgo, compreendendo cem casas repartidas por três bairros. Aqui torna-se necessário corrigir a historiografia contemporânea que afirma que, em 1820, a vila só compreendia duas aglomerações. A disposição em três partes é mencionada não só por todos os visitantes do primeiro período da história de Nova Friburgo, mas também pelos colonos.

[...]

No primeiro bairro, as 14 primeiras casas estão dispostas em torno de uma praça retangular. Esta se encontra situada ao longo do Rio Santo Antônio. Com certeza, ali se encontra o berço da atual Paissandu. Desse bairro e depois de ter atravessado a ponte, a estrada leva à grande aglomeração que compreende 48 casas, correndo ao longo dos dois lados de um retângulo. Esse é o ponto central de Nova Friburgo, com sua Praça Presidente Vargas. O último bairro situa-se mais ao sul, com 38 casas no local hoje chamado Praça Primeiro de Março. Além dessas cem casas, havia em Nova Friburgo um armazém cheio de víveres, um açougue, dois pequenos moinhos, uma fábrica de telhas, dois fornos de padaria.<sup>66</sup>

<sup>66</sup> NICOULIN, 1995, p. 177.

## A Colônia Nova Friburgo em 1819<sup>67</sup>



Padre Joye informa que, geograficamente, a Vila “é um pequeno plano, com montanhas muito altas em todos os lados, muito íngremes, o que torna difícil cultivá-las. O solo, entretanto, parece muito bom”. Sobre as casas, diz que são de quatro cômodos, mas sem cozinha, contíguas, em grupos de dez, pelo menos.

As casas foram distribuídas conforme a escolha das pessoas, levando em consideração “com quem gostaria de morar”. Jean Abram Frauche

<sup>67</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o\\_su%C3%AD%C3%A7a\\_no\\_Brasil#/media/File:Colonizacaonf.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_su%C3%AD%C3%A7a_no_Brasil#/media/File:Colonizacaonf.jpg)> Acesso em: 3 dez. 2015

ocupa a casa 8, com mais catorze colonos, sendo dois solteiros, três casais, uma viúva e cinco menores de 18 anos de idade. O lote 41 vai ser ocupado por Jean e os demais ocupantes da casa 8, exceto os colonos Felix Rime, que prefere ficar na vila, Jean Hipolite Thomas, que volta para a Corte em 1823, e Jean-Baptiste Alexis Thorin, que ocupa o lote 45.

### Mapa da distribuição dos lotes coloniais aos imigrantes suíços-1819<sup>68</sup>



<sup>68</sup> YERLY-QUARTENOUD, Anne-Marie, WERMELINGER-MONNERAT, Alberto Lima Abib e FOLLY, Daniel. *Têra Novala – Terra Nova – Terre Nouvelle – Neues Land – Nüüs Lann*. Nova Friburgo-RJ: Alberto Lima Abib Wermelinger-Monnerat, 2010, p. 112, adaptado pelo autor.



## Ocupantes da casa 8 e do lote 41 da Colônia de Nova Friburgo<sup>69</sup>

Nome	Dados
Jean Abram Frauche, p. 449.	De Ursins, Cantão de Vaud, solteiro, 17 anos, veleiro Elisabeth et Marie.
Abraham Fredric Lambelet, p. 598.	De Neuchatel, 44 anos, casado, veleiro Debby Elisa.
Louise Fraçoise Prandeloup Lembelet, esposa.	De Vaud, 28 anos, casada, veleiro Debby Elisa.
Auguste Lambelet.	Filho do casal, 3 anos.
Filhos nascidos em Nova Friburgo:	
João Paulo.	Nascido em 1821.
Pedro Marcos.	Nascido em 1824.
Pierrine.	Nascido em 1827.
Francisca.	Nascido em 1834.
Simon Antoine Mettraux, p. 665.	De Fribourg, 21 anos, solteiro, veleiro Daphné, primeiro professor da colônia, francês e alemão.
Marianne Moser, esposa	47 anos. Faleceu em 15/4/1820.
Henri	13 anos. Faleceu em 8/12/1868 em Nova Friburgo.
Marie-Jeanne	12 anos
Felix Rime, p. 776.	De Charney, Fribourg, 35 anos, casado, veleiro Urania. Não ocupa o Lote 41. Prefere ficar na vila, com o comércio de carnes.
Marie Veronique Tornard, esposa	34 anos,
Marianne-Catherine	3 anos.
Filhos nascidos em Nova Friburgo:	
João José Cypriano	10/3/1821
Jesuina Maria	1º/1º/1823.

<sup>69</sup> BON, 2004, págs. 449, 598, 665, 776, 870, 871.

Nome	Dados
Alexandre	29/12/1823.
Maria Luisa	24/8/1825.
Jean Hipolite Thomas, p. 870.	Da França, 25 anos, solteiro, médico veterinário, veleiro Urania. Não ocupa o Lote 41. Volta para a Corte (Rio) em 1823, não retornando mais à colônia.
Jean-Baptiste Alexis Thorin, p. 871	De Fribourg, 40 anos, casado, Veleiro Urania. Faleceu em 1832. Ocupa o Lote 45.
Felisabeth Remy	27 anos. Faleceu em 7/7/1845.
Felisabeth	6 anos.

Segundo Nicoulin, as casas eram de pedra e coberta de telhas ocas:

Há janelas sem vidraça, só com postigos<sup>70</sup>. Dentro não existe soalho, pois segundo um colono 'o chão dos quartos é de terra batida'. Não há cozinha. Será preciso instalar o fogão do lado de fora. Construção leve e rústica que não protege das intempéries. Típica moradia das classes pobres do Brasil colonial. Ademais, as gravuras reforçam essa afirmativa; mostram senzalas. O espaço habitável, o que é muito mais importante, é composto de quatro pequenos cômodos. Portanto, em cada um deverão viver mais de quatro pessoas. Assim, no começo de sua história, Nova Friburgo está superpovoada. Essa superpopulação forçará os homens a se dispersarem. Mas, primeiro, é preciso viver nessas condições que não propiciam um ambiente muito agradável, e que, ao contrário, são fonte de tensão pela presença de diversas famílias misturadas com pessoas solteiras de ambos os sexos.<sup>71</sup>

A colônia suíça de Nova Friburgo passou à categoria de freguesia, em 13 de janeiro de 1820, mediante Alvará de El-Rey D. João VI,

<sup>70</sup> Janelinha para se olhar quem bate, sem abri-las; espreitadeira.

<sup>71</sup> NICOULIN, 1995, p. 179.

desmembrada de Cantagalo, tendo por termo o distrito da freguesia de São João Batista e “gozará de todas as prerrogativas e privilégios de que gozão as mais Villas dos Meus Reinos”<sup>72</sup>. Com a denominação de “S. João Baptista da Villa de Nova Friburgo”, essa freguesia foi instituída nos seguintes termos:

Sendo necessário huma Colonia de Suiços na Fazenda do Morro Queimado, districto de Cantagallo, hei por bem crear ali uma Freguezia desmembrada de Cantagallo, com a denominação de S. João Baptista da Villa de Nova Friburgo, tendo por distrito desde as agoas compridas até o Rio Grande, comprehendendo o território que vai da sobredita villa até o Rio Paquequer do lado Oeste, e para a parte de Leste até o alto da Serra, cujas vertentes deitão para o Rio de São João.<sup>73</sup>

Jaccoud esclarece que “a Nova Friburgo pertenciam as terras que iam de Castália até a barra do rio Bengalas, e de Sumidouro até a serra de Bananeiras, num total aproximado de 1.800 quilômetros quadrados”<sup>74</sup>.

Em 17 de abril de 1820, ocorre o marco de fundação de Nova Friburgo, com a escolha do governo municipal. Estão presentes o Ouvidor da Comarca do Rio de Janeiro, J. J. Queirós, e o Inspetor da Colônia, Monsenhor Miranda.

O colono Porcelet, que se designava “Capitão da Cavalaria do Estado Maior do Exército do Brasil”<sup>75</sup>, sobe ao palanque e discursa em francês. Fala desse povo “que veio a estes lugares para buscar a paz, a felicidade”. “Está reunido hoje (17/4/1820) para fundar uma nova cidade,

---

<sup>72</sup> CURIO, 1944, p. 63.

<sup>73</sup> JACCOUD, 1999, p. 413.

<sup>74</sup> Ibid., p. 413.

<sup>75</sup> BON, 2004, p. 441.

esperando garantir a seus descendentes uma existência feliz e agradável”. Porcelet evoca o futuro do Brasil: “um reino imenso no qual a Providência parece ter distribuído suas dádivas a mãos cheias e cujo resultado será nos séculos vindouros uma nação surpreendente e poderosa”. Dirigindo-se aos conterrâneos, imigrantes como ele:

Mostrai que tendes alma valente e ativa e que, se viestes buscar no Brasil asilo, não foi nem o medo nem o perigo que vos fez partir da Europa, mas sim a tristeza e o cansaço com as reviravoltas políticas que agitaram e atormentaram o velho continente<sup>76</sup>.

Ao final da solenidade, o Ouvidor preside à escolha dos membros da Câmara Municipal para os anos de 1821-1822, por indicação do colono Charles-Emmanuel Quévremont, chefe de polícia. Quévremont era francês e veio para o Brasil, a bordo do *Daphné*, solteiro e com 49 anos de idade<sup>77</sup>. A Câmara será composta por portugueses e imigrantes suíços, agora cidadãos portugueses também<sup>78</sup>.

É interessante registrar que a Colônia Nova Friburgo, projetada por D. João VI como uma colônia de católicos, recebeu diversos imigrantes protestantes. Entre estes, ressalta a presença do pastor Frederico Oswaldo Sauerbronn, de nacionalidade alemã. Veio a bordo do navio *Argos*, saindo de Amsterdã em 18 de julho de 1823 e chegando a Nova Friburgo em 3 de maio de 1824. Sua esposa faleceu durante a travessia do oceano Atlântico, deixando dez filhos. É considerado o primeiro pastor protestante no Brasil<sup>79</sup>.

<sup>76</sup> NICOULIN, 1995, p. 180.

<sup>77</sup> BON, 2004, p. 768.

<sup>78</sup> *Idem*, p. 181.

<sup>79</sup> CURIO, 1944, p. 111.

“Os colonos sofrem na alma e no corpo”. Nas cartas enviadas à Suíça eles falam dessa triste realidade. O doutor Jean Bazer, de nacionalidade francesa, destaca “o estado depressivo em que vivem os colonos”. A sucessão de provações sofridas durante a viagem explica essa situação. “Os abalos morais são responsáveis por muita coisa”. F. Arnaud, médico português, que tratou dos suíços no hospital de Macacu, diz que os colonos sofreram durante a subida da serra para o Morro Queimado:

Molhados e cansados, ao chegar a Nova Friburgo encontraram casas que nem tinham sido acabadas, úmidas, frias e rodeadas de grandes poças de água. A própria vila era como um ‘pântano onde era difícil andar’. Desanimados, dormiram ali mesmo no chão, sem cama, colchão ou lençóis”. As bagagens ainda não haviam chegado. “Para beber e cozinhar, não iam nem buscar água na fonte; embora impura, era sem comparação melhor do que a do fosso, já verde e pútrida, que ficava à porta das casas”. Nessas condições precárias, os suíços “alimentam-se mal, comem muitos doces e batatas mal cozidas, bebem água ruim, muito café e cachaça.<sup>80</sup>

As doenças foram causadas pelas más condições de higiene encontradas nos pântanos da Holanda, nos navios que transportaram os imigrantes e, finalmente, nas péssimas condições de vida nas casas da Colônia Nova Friburgo.

Os lotes de terras para a agropecuária somente foram distribuídos cerca de cinco meses após a chegada dos primeiros imigrantes à colônia. Nesse período eles ficaram na ociosidade, comendo, bebendo e dormindo, vivendo às custas dos subsídios prometidos por D. João VI. E, mesmo depois de distribuídas, passou-se mais de cinco meses para que as terras pudessem ser cultivadas. Foi necessário, antes, construir

---

<sup>80</sup> NICOULIN, 1995, p. 180, 183.

estradas ou caminhos. Por outro lado, as sementes e o gado prometidos, ainda não tinham sido entregues aos imigrantes<sup>81</sup>.

Joseph Hecht, todavia, ressalva que:

A natureza do Brasil mostra-se com toda magnificência e convida as pessoas a um sentimento de constante alegria – uma eterna primavera reina nessa terra. Que bom seria se todos sentissem essa graça do bondoso Criador e sempre se preparassem para aquela primavera em que cada um, em breve, irá permanecer no outro mundo. <sup>82</sup>

Os lotes reservados aos colonos eram retângulos de uma légua de largura por três de comprimento. Cada parcela, numerada de 1 a 120, tinha uma área de 300 braças<sup>83</sup> por 750. Raphael Luiz de Siqueira Jaccoud<sup>84</sup> entende, como outros historiadores e pesquisadores, que a localização de Nova Friburgo “não poderia ter sido mais feliz”, mas discorda com a localização dos lotes para as atividades agropecuárias dos imigrantes suíços. Afirma que os lotes poderiam ter sido fixados dentro da região escolhida, mas não na serra fria e de terras infecundas. Grande parte dos “números coloniais” situava-se no local que, até hoje, “ostenta o sugestivo nome de “Serra da Sibéria”.

A demarcação do terreno e sua divisão em lotes foram realizados pelo capitão-mor de Cantagalo, Manoel Vieira de Souza, e pelo piloto Antonio Pereira dos Santos<sup>85</sup>.

---

<sup>81</sup> HECHT, 2009, p. 71.

<sup>82</sup> Ibid., p. 88.

<sup>83</sup> Braça é uma antiga medida de comprimento, equivalente a 2,20 m; 3.000 braças correspondem a uma légua. Paralelogramo é um quadrilátero plano convexo, cujos lados opostos são paralelos.

<sup>84</sup> JACLOUD, Raphael Luiz de Siqueira. História, contos e lendas da velha Nova Friburgo. Nova Friburgo, RJ: Múltipla Cultural, 1999, p. 125-270.

<sup>85</sup> CURIO, 1944, p. 20.

Thomé da Fonseca e Silva<sup>86</sup>, em artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e *Geographico*, registra que:

O terreno era montanhoso e pedregoso e regado pelos rios S. João das Bengalas e Conego, que nascem das vertentes das serras, dos Canudos e do Queimado e confluem no Rio Grande, que vae desaguar no Parahyba. [...] O clima é salubre, a sua temperatura no maior calor de estio não passa de 17 a 19º de Réaumur e na estação de inverno, nos meses de Junho a Agosto, chega muitas vezes ao grão de gelo, isto é, 0º de Réaumur<sup>87</sup>.

Afonso E. Taunay, no Jornal do Comercio de 13 de agosto de 1944, afirma que<sup>88</sup>:

O grande erro no estabelecimento da Colonia de Nova Friburgo fora a sua colocação longe dos mercados consumidores.

[...]

Mas não há dúvida de que, sob o ponto de vista agrícola, fora bem má a escolha de Nova Friburgo. Não poderia ela ser um centro de irradiação para os novos núcleos.

E como prova disto ocorrera a dispersão dos primitivos elementos. Os emigrados que dispunham de alguns recursos trataram de procurar lugares mais favoráveis. E vários tinham enriquecido tendo podido comprar escravos e vir a ser fazendeiros por vezes importantes.

---

<sup>86</sup> SILVA, Thomé Maria da Fonseca e. *Breve notícia sobre a Colônia de Suíços Fundada em Nova Friburgo*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo 12, p. 137-142, Rio Janeiro, 1849.

<sup>87</sup> O grau Réaumur vale 4/5 de 1 grau Celsius e tem o mesmo zero que o grau Celsius.

<sup>88</sup> Disponível em: <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439403126\\_ARQUIVO\\_DetrificantedeescravosaBaraodeNovaFriburgo.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439403126_ARQUIVO_DetrificantedeescravosaBaraodeNovaFriburgo.pdf)> Acesso em: 23 ago. 2015.

A comunicação entre Nova Friburgo e a capital do Império e da Província do Rio de Janeiro era bastante precária, até o advento da ferrovia, ligando a cidade do Rio de Janeiro ao interior fluminense. É o que revela Raphael Luiz de Siqueira Jaccoud:

Até o advento da estrada de ferro, quem desejasse vir a Nova Friburgo teria que seguir, pouco mais ou menos, o caminho trilhado pelo mineralogista John Mawe em 1809, descrito no Capítulo 3º deste trabalho, ou seja, partir do Cais dos Mineiros – onde se situa hoje a Praça Mauá – navegar ao longo da baía da Guanabara, no sentido norte, penetrar no rio Macacu e seguir até onde permitisse o calado do barco ou onde houvesse melhores recursos. O ponto mais usado para desembarque era a localidade de Porto das Caixas, situado no rio do Porto, afluente do Macacu em sua margem esquerda. Ali era alugar animais de sela ou de carga, um escravo esperto (se houvesse recursos financeiros para tanto), e meter o pé na estrada. Dependendo da hora da partida de Porto das Caixas, procurava-se para descansar, alimentar e dormir uma das estalagens situadas ao longo do caminho que se desenvolvia próximo das margens do rio Macacu. Os locais preferidos eram o Engenho do Colégio, Sant’Anna e fazenda do coronel Ferreira, esta localizada exatamente no local onde hoje se situa a cidade de Cachoeiras de Macacu.

A partir dali era galgar a serra da Boa Vista até o “Registro da Serra” ou o “Registro da Boa Vista”, nos quais não havia as mínimas condições de conforto. A partir dos “registros” que, como já vimos, não passavam de postos destinados à cobrança de impostos, era continuar a galgar a serra até chegar à sua garganta mais alta e descer pela outra encosta para chegar a Nova Friburgo, através da estrada do Garrafão, que dava acesso ao vale do Cônego. Depois era descer o ribeirão e chegar à vila de Nova Friburgo.

A partir do registro da Boa Vista havia uma outra alternativa, que era a de seguir o ribeirão de Santo Antônio, passar pelos



“números coloniais”, ou “número dos suíços” e alcançar a “Ponte da Saudade”.

Com o decorrer do tempo, apareceram pequenas hospedarias ao longo do itinerário, sobretudo, nas duas vertentes da serra, e que pertenciam a colonos suíços ou alemães.

Tal viagem, de acordo com a hora de partida do Cais dos Mineiros, demandava normalmente de três a quatro dias.<sup>89</sup>

Em 26 de abril de 1820, uma primeira turma de colonos armados parte para visitar as terras, ou como eles próprios dizem, sua grande fazenda. Alguns colonos ficaram muito satisfeitos com os seus lotes e outros os acharam “incultiváveis”, muito montanhoso, sua superfície cultivável ficava reduzida à metade<sup>90</sup>.

Os colonos recebem cabeças de gado, mas “os animais são tão selvagens que, apesar das precauções, a maioria escapa e volta para o mato”. Há distribuição de mudas de videira aos colonos viticultores. Constroem barracões de madeira que servem de abrigo contra as intempéries e celeiros para as futuras colheitas. São habitações toscas, recobertas de folha de palmeira<sup>91</sup>.

As chuvas de novembro de 1820 trazem prejuízo para as plantações. As sementes brotaram, mas não houve colheita. “Desanimados, abandonam as fazendas e voltam para a vila”. Martin Nicoulin registra que:

Com as chuvas, Nova Friburgo apresenta um aspecto desolador. O Rio Bengala transbordou, as pontes que não foram arrastadas

---

<sup>89</sup> JACOUD, 1999, p. 421.

<sup>90</sup> NICOULIN, 1995, p. 197.

<sup>91</sup> NICOULIN, 1995, p. 199.

ficaram danificadas. A enchente atingiu muitas casas. As árvores plantadas foram arrancadas. Os riachos tornaram-se torrentes que devastam os jardins. Derrubadas, as cercas são pisoteadas pelos bois, vacas ou porcos. Tudo está inundado. Nova Friburgo não parece mais uma vila, mas um alagado. Um ano após a chegada apresenta de novo uma paisagem desoladora. O progresso estancou. Parece que tudo tem de recomeçar.

Durante o primeiro semestre de 1821, Nova Friburgo vegeta. As melhores terras estão cultivadas, mas que ninguém se iluda, tudo isso é apenas obra de uma minoria corajosa, que teve a sorte de receber terras relativamente boas. É preciso que se afirme: o quadro geral é negativo. A maioria dos colonos parece ociosa.<sup>92</sup>

O jornalista Pedro Curio, no livro *Como surgiu Friburgo*, identifica a “deficiência de acomodações, as dificuldades de comunicações com o centro, a anarquia administrativa e outros fatores”<sup>93</sup> como as causas da migração de grande parte dos imigrantes suíços para Cantagalo e outras localidades.

Diante desse quadro, os colonos procuram uma saída. Fazem uma assembleia e decidem enviar à corte no Rio de Janeiro uma delegação de cinco membros, a fim de apresentar as reivindicações para que a colonização suíça de Nova Friburgo possa ter sucesso. A comissão era composta pelo Pe. Joye, o médico Bazer, o chefe de polícia Quévremont e os colonos Thorin, de Fribourg, e Schmid, de Solothur. A comissão reivindica: “a) pedido de melhores regras; b) aumento dos subsídios em 1 franco no ano de 1821; c) envio de algumas bestas de carga”. Em 27 de janeiro de 1821, o padre Joye informa que a comissão está na corte para apresentar as reivindicações, e registra: “É uma infelicidade que as terras

---

<sup>92</sup> Ibid., págs. 200-201.

<sup>93</sup> CURIO, 1944, p. 56.

doadas aos colonos não sejam boas e, se outras não lhes forem dadas, muita gente será condenada à maior miséria”. Mas, completa, desiludido: “As circunstâncias políticas não nos são favoráveis. Acaba de estourar uma revolução na Bahia. Exigem uma Constituição. Houve derramamento de sangue”<sup>94</sup>.

Nessa conjuntura, os governadores portugueses fiéis a D. João VI alertaram o rei para o clima de revolta e insatisfação em Portugal, por sua permanência no Brasil:

Não devemos, senhor, ocultar a Vossa Majestade, por nossa honra e obrigação, o descontentamento de todos os seus fieis vassallos pela demora de Vossa Majestade no Reino do Brasil, depois dos extraordinários sacrifícios que fizeram para conseguir a salvação da Monarquia. Esse descontentamento tem aumentado agora nesta cidade e se aumentará em todas as terras destes Reinos.<sup>95</sup>

Em 18 de fevereiro de 1821, o rei envia seu filho, D. Pedro de Alcântara, a Lisboa “para ouvir as representações e queixas dos povos e para estabelecer as reformas, melhoramentos e leis que possam consolidar a Constituição Portuguesa”<sup>96</sup>.

Em 7 de março de 1821, D. João VI nomeia uma regência e, em 26 de abril, a família real retorna a Portugal. Sua comitiva abrigava cerca de 4 mil portugueses. D. Pedro I fica no Rio de Janeiro, como príncipe regente.

A história registra que D. João VI ao deixar o Brasil “raspou os cofres do Banco do Brasil e levou embora o que ainda restava do tesouro real que havia trazido para a colônia em 1808”<sup>97</sup>.

<sup>94</sup> NICOULIN, 1995, p. 202.

<sup>95</sup> GOMES, 2007, p. 271.

<sup>96</sup> *Ibid.*, p. 203.

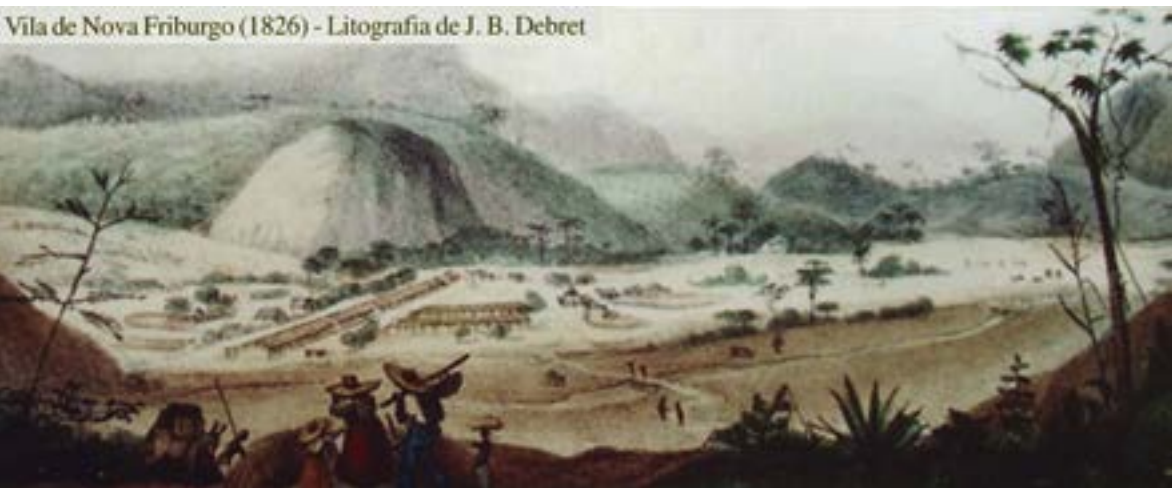
<sup>97</sup> *Ibid.*, p. 280.

Diante desse quadro, D. Pedro I não teve condições de socorrer os colonos suíços, agora cidadãos portugueses. A Colônia Nova Friburgo sofre com o desencanto dos imigrantes suíços, ante o abandono da Corte.

O colono Schueller, de Fribourg, revela seu desencanto com a colônia. O gado prometido só chegou em parte, “as sementes não brotam, há quatro meses que os subsídios estão suspensos e os mantimentos estão caríssimos”. Para ele, o “vale de Cantagalo é a terra mais miserável de todo o Brasil”. O suíço Pierre Schmidtmeyer, de Genebra, visita a colônia em junho de 1821 e constata que a vila de Nova Friburgo sofre de paralisia, parou de crescer e não há mais obras em andamento e que as terras distribuídas aos colonos são de qualidade desigual, algumas são de todo incultiváveis, consistem de encostas e picos muitos escarpados<sup>98</sup>.

### **Nova Friburgo em 1826<sup>99</sup>**

Vila de Nova Friburgo (1826) - Litografia de J. B. Debret



#### **Vila de Nova Friburgo - 1826.**

<sup>98</sup> NICOULIN, 1995, p. 206.

<sup>99</sup> Disponível em: <<https://abrarvorenf.wordpress.com/2015/03/03/praca-dos-eucaliptos-raquel-nader/>> Acesso em: 22 mar. 2016.

## Morro Queimado – Bairro Duas Pedras Novo Friburgo – 2016



Foto: Osmar Castro.

O nome Morro Queimado teve origem na sua cor tiszada, acinzentada, com pouca vegetação. Essa foto revela os desmoronamentos ocorridos na tragédia de 12 de janeiro de 2011. Nessa área, onde foi edificada a Colônia Nova Friburgo, em 1818, está localizado o bairro de Duas Pedras, zona industrial de Nova Friburgo, com residências e a Igreja de São Pedro e São Paulo<sup>100</sup>.

---

<sup>100</sup> Disponível em: <<http://historiadefriburgo.blogspot.com.br/2011/01/duas-pedras-historia-de-um-bairro.html>> Acesso em: 6 set. 2016.

Em agosto de 1821, o Príncipe regente autoriza os suíços a deixarem Nova Friburgo e nomeia novo diretor, João Vieira de Carvalho, em substituição ao Monsenhor Miranda.

Sobre essa decisão, Joseph Hecht revela que:

A maior aspiração dos colonos se realizou com a licença dada pelo rei de terem a liberdade de escolher uma região melhor e ali pudessem morar. Logo muitos colonos partiram e retornaram alegres com as notícias de terem encontrado uma região onde tudo crescia melhor e em abundância.<sup>101</sup>

A partir dessa decisão, muitos colonos migraram para regiões próximas à colônia, como Macaé e Cantagalo, nesta, em particular às margens do Rio Paraíba do Sul, no distrito cantagalense de São Sebastião do Paraíba, para onde migrou Jean Abram Frauche.

A colônia de Nova Friburgo, fruto de uma decisão pessoal de D. João VI, com o seu regresso a Portugal, sofreu as consequências dessa mudança. D. Pedro I ignorou a colônia e suas necessidades básicas, que deveriam ser asseguradas pelo governo, nos termos do Tratado firmado pelo soberano português. A partir de março de 1821, os subsídios aos colonos foram suspensos. Com o fracasso da primeira safra agrícola e o fim dos subsídios, muitos imigrantes não viam futuro em Nova Friburgo, fato que colaborou para acentuar a migração para Macaé, Cantagalo, norte fluminense, Minas Gerais e Espírito Santo.

A população de 1.662 suíços, em 1820, está reduzida a 632, em 1830.

Em 29 de junho de 1821, quando a colônia está em plena crise, o colono Schimidtmeyer lamenta e assinala o abandono de muitos lotes

---

<sup>101</sup> HECHT, 2009, p. 92.

pelos suíços que saem buscando melhores terras no distrito de Cantagalo, distante de Nova Friburgo cerca de 70 quilômetros. Em setembro de 1821, o colono Jean-Baptiste Lapaire, de Jura, é eleito membro da Câmara Municipal de Cantagalo. Durante os anos seguintes aumenta o fluxo de migração dos colonos suíços para Cantagalo. O padre Joye, em outubro de 1824, compila uma lista de colonos suíços com idades de 18 a 40 anos, encontrando 206 dessas pessoas residentes em Nova Friburgo e Cantagalo; 50% na primeira e 42% em Cantagalo. Para Nicoulin, tudo “leva a crer que, no decorrer dos anos seguintes, a presença helvética em Cantagalo será equivalente ou ultrapassará a de Nova Friburgo”<sup>102</sup>. O próprio Pe. Joye, entre 1846 e 1851, aparece como proprietário de uma fazenda de engenho em Cantagalo e também como vigário da paróquia de Cantagalo, conforme registra o periódico Almanak<sup>103</sup> relativo a esses anos.

Jaccoud registra que:

[...] os colonos desertaram em massa dos “números coloniais”, terras impróprias para a Agricultura, mas uma grande parte dele ficou dentro dos limites da paróquia de São João Batista de Nova Friburgo, que era extensíssima na época, incluindo partes dos atuais municípios de Teresópolis, Sumidouro, Bom Jardim e Duas Barras.<sup>104</sup>

A atração que Cantagalo exerce sobre os imigrantes vindos da Suíça é representada pelo café. A colona Marie Bussard registra:

Se eu tentasse descrever as produções imensas da fertilidade

---

<sup>102</sup> NICOULIN, 1995, p. 225.

<sup>103</sup> Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/almanak/al1846/00000427.html](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/almanak/al1846/00000427.html)>. Acesso em: 30 dez. 2015.

<sup>104</sup> JACOUD, 1999, p. 259.

deste país, principalmente nos arredores de Cantagalo, a tarefa me seria muito grata. São plantações enormes de cana-de-açúcar, de tabaco, de algodão, de mandioca [...] de todos os ramos da agricultura, o café é o que mais compensa o agricultor [...]

O colono Jérôme Lugon, de Valais, fixa-se em Cantagalo, em 1822, “onde pode alimentar a família e dedicar-se ao comércio”. Cultiva milho e feijão, possui duas vacas, galinhas, porcos e um cavalo. Em seguida, Lugon está cultivando, com a ajuda de escravos, 6 mil pés de café<sup>105</sup>.

### **Uma das fazendas de café da região de Cantagalo – século 19<sup>106</sup>**



Joseph Hecht visitou toda a região de Cantagalo e assinala a sua importância geográfica e econômica e os seus contrastes:

Cantagalo, de onde todo o território dos suíços tomou o nome, é uma cidade que tem importância por ser a sede do governo

<sup>105</sup> NICOULIN, 1995, p. 226.

<sup>106</sup> Disponível em: <<http://www.iagoguimaraescouto.com.br/2015/06/arquivos-da-nossa-terra-fazendas-de.html>> Acesso em: 20 jun. 2016.



distrital, equivalente ao “Oberamt”<sup>107</sup> no cantão de Lucerna. [...] Viajar na região de Cantagalo é ora triste, ora agradável. Às vezes encontram-se florestas densas, cobertas não de pinheiros, mas de árvores frondosas, formando muitos e variados bosques de belas árvores e arbustos, cheios de trilhas erradas, nas quais o caminhante bisonho pode facilmente se perder. Mais adiante, topava-se com magníficos cafezais e arrozais. [...] Todas as plantações de café, cana de açúcar e arroz são feitas com o trabalho dos negros escravos; ainda que um branco ajude, mas isso acontece muito raramente. [...] Os fazendeiros de Cantagalo têm colheitas suficientes o ano todo, porque as lavouras crescem e tornam a crescer o ano todo. No inverno, quando o calor não é tão grande, eles plantam as diversas hortaliças que os europeus cultivam no auge da primavera, tais como couve-rábano, nabo branco, ervilhas, batatas, que amadurecem duas vezes por ano e crescem até o tamanho ou peso de quatro quilos. Eles não plantam muito essas batatas, porque são muito doces. Laranjas e limões crescem no mato, sem precisarem ser plantados. Em redor das casas eles tem uma centena de laranjeiras enxertadas. [...] A cebola não é muito picante e é colocada a cozinhar como as hortaliças. Eu vi, ainda, uma grande variedade de frutas de diversos sabores, que não consegui comer quando me foram oferecidas. Também cresce aqui uma árvore chamada fruta-pão, cujo fruto é apreciado pelos europeus e, principalmente, pelos indígenas, os primitivos habitantes da América.<sup>108</sup>

A região de Cantagalo, como descrita por Hecht, deve ter influenciado na decisão de João Abram Frauche migrar para São Sebastião do Paraíba,

---

<sup>107</sup> Administrações regionais subalternas na Suíça, no Cantão de Fribourg. Disponível em: <<https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=de&u=https://de.wikipedia.org/wiki/Oberamt&prev=search>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

<sup>108</sup> HECHT, 2009, págs. 100/101.

assim como na de outros imigrantes. Cantagalo, bem como Macaé, assegurou o êxito da imigração suíça de 1819/20.

A emigração de suíços para o Novo Mundo, ao longo do século 19, resultou, com o passar do tempo, em significativas contribuições ao desenvolvimento socioeconômico do Brasil. Agricultores, artesãos, professores, eclesiásticos, empresários, médicos, cientistas e artistas chegaram ao nosso país em épocas diversas para reconstruir suas vidas nesta América de esperanças.

Rudolf Bärhus, embaixador da Suíça no Brasil, entre 2004-2008, esclarece, todavia, que essa decisão:

[...] nem sempre foi voluntária, muitos fugiram da miséria: viúvas, órfãos e pobres faziam parte da lista dos primeiros imigrantes. Os que decidiram imigrar para o Brasil, fizeram-no porque a agricultura da Suíça produzia pouco ou porque sofreram as consequências sociais da industrialização. Muitos foram pressionados pelas autoridades, que não quiseram mais subvencioná-los. Alguns foram atraídos por agentes de recrutamento inescrupulosos e por falsas promessas. Outros – uma minoria – sonharam simplesmente com uma rápida ascensão e uma vida melhor. Todos enfrentaram a longa e difícil travessia rumo ao Brasil. Uns pereceram durante a viagem, antes mesmo de chegar à terra prometida; outros sucumbiram logo após a chegada em decorrência da fadiga e das doenças. Os sobreviventes descobriram um país fundamentalmente diferente de sua antiga pátria. Os que pensavam que o sucesso econômico e a ascensão social viriam automaticamente decepcionaram-se. Muitos colonos, embora livres, viviam em condições análogas às da escravidão. Assim, a história da imigração suíça no Brasil não pode ser lida somente como um relato de sucesso.

Entretanto, muitos compatriotas felizmente conseguiram atingir uma relativa prosperidade neste país, apesar das circunstâncias às vezes adversas. Certamente, sem afincos, persistência ou sorte, eles não teriam atingido tal progressão social. A natureza

brasileira, que à primeira vista era tão exuberante, tornou difícil a tarefa de quem desejava domá-la e dela tirar proveito. Assim, os primeiros colonos de Nova Friburgo encontraram enormes dificuldades em cultivar as terras cobertas de matas espessas e encharcadas por chuvas intensas. Precisaram de tempo para se adaptar às novas condições. Graças a inovações e muita perseverança, por exemplo, na criação de gado e na fabricação de queijos, conseguiram transformar a luta pela sobrevivência dos primeiros anos em uma existência digna de um ser humano.<sup>109</sup>

## Nova Friburgo em 2016<sup>110</sup>



Vista parcial da cidade de Nova Friburgo-RJ, em 2016, berço da colonização suíça de 1819.

<sup>109</sup> OLIVEIRA, 2007, p. 11-12.

<sup>110</sup> Foto disponível em: <[https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbn=isch&source=hp&biw=1366&bih=613&q=nova+friburgo+rj+brasil&oq=nova+friburgo+rj+brasil&gs\\_l=img.3...1313.5678.0.6074.23.13.0.10.6.0.105.463.10j3.13.0....0...lac.1.64.img..0.18.388...0j0i30k1j0i5i30k1j0i8i30k1.jz3SVMGdybU#hl=pt-BR&tbn=isch&q=fotos+de+nova+friburgo+rj&imgcr=iXPOhF9\\_0kC7yM%3A](https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbn=isch&source=hp&biw=1366&bih=613&q=nova+friburgo+rj+brasil&oq=nova+friburgo+rj+brasil&gs_l=img.3...1313.5678.0.6074.23.13.0.10.6.0.105.463.10j3.13.0....0...lac.1.64.img..0.18.388...0j0i30k1j0i5i30k1j0i8i30k1.jz3SVMGdybU#hl=pt-BR&tbn=isch&q=fotos+de+nova+friburgo+rj&imgcr=iXPOhF9_0kC7yM%3A)> Acesso em: 13 mar. 2016.

## Da Colônia Nova Friburgo a São Sebastião do Paraíba

---

O nosso patriarca Jean Abram Frauche, naturalizado João Abram Frauche, assim como centenas de outros imigrantes suíços, não conseguiu realizar, nas frias e acidentadas montanhas de Nova Friburgo, o sonho acalentado de uma vida de trabalho e realização pessoal.

Cantagalo parece ser um caminho natural para a migração dos imigrantes suíços rumo a terras mais aprazíveis para a agropecuária. Nicoulin tem uma explicação geográfica para essa migração<sup>III</sup>:

Os morros dominam a cidade, variando de 80 a 100 metros. E, ao norte, surge o símbolo dessa paisagem: o cume do Morro Queimado apresenta seu flanco nu. Parece aferrolhar para sempre o lugar. É essa, no entanto, a abertura natural do

---

<sup>III</sup> NICOULIN, 1995, págs. 176-177.

vale. É por essas gargantas que o rio flui. O Rio Bengala perde seu nome e torna-se o Rio Grande, que desce em direção ao majestoso Paraíba. As altitudes diminuem aos poucos, a paisagem se abre e se humaniza perdendo o rigor vertical, o clima torna-se menos rude. Chega-se a Cantagalo e a suas terras quentes. Iremos ver como, em época subsequente, os colonos irão ceder a esse convite geográfico.

Muitos outros imigrantes preferiram as terras férteis de Cantagalo. O barão João Tiago von Tschudi, zoólogo e diplomata suíço, ministro da República Helvética no Brasil, em 1860, escreveu um livro – *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo* – como resultado de suas pesquisas em nosso país, nessas duas províncias. Passando por Cantagalo, em 1861, faz pousada em uma fazenda cafeeira, a “Fazenda Bom-fim”, de “um certo Heckendorn, do cantão de Solothurn”. Mais à frente, ele reencontra esse “Heckendorn” com dois outros irmãos e afirma que são filhos de “um daqueles suíços que emigraram para o Brasil em 1819 [...] e que fundaram Nova Friburgo”.<sup>112</sup>

Henrique Bon<sup>113</sup> registra dois imigrantes suíços com sobrenome aproximado: Heggendorn, ambos Joseph, vindos de Grindel, do Cantão de Soleure, no veleiro *Heureux Voyage*. A troca da grafia do nome Heggendorn por “Heeckdorn” e do Cantão de Soleure por “Solothurn” é perfeitamente compreensível, tendo em vista as inúmeras incorreções na grafia de nomes de imigrantes suíços.

Essas duas famílias, todavia, tomaram rumos diversos, a partir de Nova Friburgo. Os “Heckendorn” relatados por Tschudi devem ser

---

<sup>112</sup> TSCHUDI, J. J. von. *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*. Tradução de Afonso de E. Tunay. Rio de Janeiro: Martins, 1953, p. 34.

<sup>113</sup> BON, 2004, p. 516.

membros da família de Joseph Heggendorf, casado com Anna Maria Goettsche, que faleceu em 1834 em Cantagalo, com 68 anos de idade. Com o casal vieram seis filhos: Marianne, George, Anton, Conrad, Johann Heinrich, Anna Maria e Anna Catharina, que se consorciaram com descendentes de imigrantes suíços: Wermelinger, Monnerat, Finster. Os três irmãos encontrados por Tschudi deveriam estar entre Georg, Anton, Conrad e Johann Heinrich.

Tschudi informa que:

Tratava-se de gente muito simples, arraigada ainda aos costumes da pátria longínqua, e que levava ali, entre seus 70 escravos negros, vida patriarcal. Trabalhavam parêlho com seus escravos nos campos, faziam suas orações matinais em conjunto e tratavam-nos com desvelos tão humanos e fraternais, que seria difícil encontrar igual tratamento algures.<sup>114</sup>

Tschudi esteve, também, em outras fazendas de imigrantes suíços, como a de Xaver Wermelinger, de Willsau, do Cantão de Lucerna, constatando que, apesar das dificuldades iniciais, os que se localizaram na região de Cantagalo estavam bem instalados e prósperos.

Wermelinger relata a Tschudi que os primeiros anos foram difíceis, de “amargas decepções [...]”, mas aos poucos a situação foi melhorando e, afinal, o sonho se tornou realidade, pois havia já longos anos que vivia contente e satisfeito”.

Possivelmente, em 1821, João Abram Frauche migra para São Sebastião do Paraíba, vila do município de Cantagalo, às margens do então abundante Rio Paraíba do Sul. Radicou-se nessa fértil região e, ali,

---

<sup>114</sup> TSCHUDI, 1953, p. 34.

constituiu imensa família. Casou-se, em 1824, com Anne Marie Lugon-Moulin, também imigrante suíça.

Anne Marie, sua mãe Genéviève Lugon (1774-1854), viúva de Joseph-Elie Lugon-Moulin, e seus irmãos Geremie, Catherine, François Emmanuel e Joseph-Emmanuel vieram a bordo do navio *Heureux Voyage*, oriundos de Finhaut-Valais. Ocuparam, na Colônia Nova Friburgo, a casa 77 e o lote 35, junto com Joseph-Emmanuel Lugon. Abandonaram a Colônia em 1821, rumo a Cantagalo, onde se dedicaram ao café. Genéviève Lugon-Moulin foi sepultada, em 23 de abril de 1854, no cemitério da Fazenda Floresta.

### **Cantagalo 1860<sup>115</sup>**



Gravura de J. J. Tschudi, de 1860. Em primeiro plano, o Hotel Friaux, da família Friaux, imigrantes suíços, vindos no mesmo veleiro de Jean Abram Frauche, o Elisabeth et Marie. A família Friaux era composta pelo patriarca, Isaac Auguste, Eleonore Bertin, ambos com 37 anos de idade, e os filhos Louis, Felix e Louise<sup>116</sup>.

<sup>115</sup> Disponível em: <<http://www.swissinfo.ch/por/caf%C3%A9-salva-nova-friburgo/875210>> Acesso em: 31 jan. 2016.

<sup>116</sup> BON, 2044, p. 461.





## A família Frauche no Brasil

---

### Vila de São Sebastião do Paraíba – 2016<sup>118</sup>



Vila de São Sebastião do Paraíba, banhada ao fundo, pelo outrora caudaloso Rio Paraíba do Sul, do outro lado, Minas Gerais.

<sup>118</sup> Disponível em: <[http://www.iagoguimaraescouto.com.br/2\\_015/09/sao-sebastiao-do-paraiba-sedia-xxi.html](http://www.iagoguimaraescouto.com.br/2_015/09/sao-sebastiao-do-paraiba-sedia-xxi.html)> Acesso em: 19 jul. 2016.

**Jean Abram Frauche** ou **João Abram Frauche** casou-se, em São Sebastião do Paraíba, Cantagalo, com a também imigrante suíça Anne Marie Lugon-Moulin, nascida em 5 de setembro de 1806. Ela chegou ao Brasil com a idade de 13 anos, enquanto Jean contava 17 anos. Quando se casaram, em 1824, estavam com 18 e 22 anos respectivamente.

Da união de **João Abram Frauche** com **Anne-Marie Lugon-Moulin**, segundo os registros de Henrique Bon<sup>119</sup>, nasceram dez filhos, todos em Cantagalo:

1. **Carlos Frauches** – nascido em 1830; faleceu em Cantagalo, aos 4 anos, em 23/4/1834, de uma “erisipela de cabeça”.
2. **Carlos Frauches** – nascido em 3/7/1839, casado com Olimpia Cardoso de Mello, filha de João Cardoso de Mello e Maria Cosendey.
3. **Francisca Frauches** – casada em 4/12/1850, com Paulino José da Silveira, português do bispado do Porto.
4. **João Frauches** – casado, em 4/2/1864, em Cantagalo, com Maria Francisca Bard, filha de Joseph Bard e Josefina Bussard.
5. **Maria Frauches** – nascida em 2/2/1841, casada, em 16/11/1860, com Charles Vincent Cosandey, também imigrante suíço, chegado ao Brasil em 1833.
6. **Joanna Frauches** – nascida em maio de 1843; casou-se em Cantagalo, em 5/10/1861, com Henri Periard, filho de Joseph Henri Periard e Marie Folly, imigrantes que chegaram ao Brasil em 1833.

---

<sup>119</sup> BON, 2004, págs. 449 e 451.

7. **Maria Luiza Frauches**, nascida em 1844.
8. **Florentina Frauches**, batizada em Cantagalo aos 8/4/1844. Casou-se com Henrique Clemente Vollu (Volluz) filho do suíço de Valais, Pierre Benjamin Volluz e Virginia Lovey.
9. **José Claudio Frauches**, casado, em Cantagalo, em 3/2/1864, com Theodora Eccard (Eckhardt), filha de Luiz Henrique Eccard e Maria Lucrecia Adelia (não há registro de sobrenome), neta do alemão de Hanau, Bernard Adolph Eckhardt.
- 10 **Antonio Frauches**, nascido em 16 de janeiro de 1854.

Posteriormente, foi identificado outro filho:

11. **Fernando Eduardo Henrique Frauche**, casado em 28/5/1862, com Maria de Souza Godinho, filha de Luiz de Souza Godinho e Maria da Glória Rodrigues.

Segundo informações do médico Fabiano Bianchi, nascido em Cachoeiro do Itapemirim (ES) e residente em Itaperuna (RJ), sua avó, Maria Frauches, identifica, ainda, os seguintes filhos de João Abram Frauche:

12. **Dionísio Frauches**, casado com Maria Florentina de Lima, com onze filhos, entre os quais, Agaleodório Frauches, nascido em 17/1/1904, casado com Enedina Periard, filha de Lauriano Periard e Francisca Musy.
13. **José Frauches** (Zeca Frauches).
14. **Honório Frauches** (possivelmente o caçula).

José Fernandes Frauches Filho informa mais um filho de **João Abram Frauche**:

15. **Fernandes Henrique Frauches**, pai de Emílio Fernandes Frauches, avô de José Fernandes Frauches e bisavô de José Fernandes Frauches Filho.

### **João Frauches Filho e esposa**



A única foto de um filho de João Abram Frauche – João Frauches Filho – ao lado da esposa – Maria Francisca Bard, filha de Joseph Bard e de Josefina Bussard. O casamento ocorreu em 4/2/1864. Foto sem identificação do autor.

O pesquisador Henrique Bon, em seu livro, registra que, em 30 de julho de 1832, João “Abram” Frauche, adquire, “por 140.000 reis, nas vertentes do Paraíba, uma posse, ainda sem título legítimo, confrontando-se com Joseph Castella”, no distrito de São Sebastião do Paraíba, em Cantagalo (RJ). Por outro lado, venderia uma posse, “esta no ribeirão da Taquara, para Henri Joseph Cortat, pelo preço de 600.000 reis”. Ainda segundo Henrique Bon, em 1855, encontra-se Frauche, em

São Sebastião do Paraíba, “regularizando através de registro a fazenda Boa Esperança, confrontando-se esta com Madeleine Folly, a firma Vial e Quartin, Marie Folly Curty e outros”. Em março de 1861, “venderá parte da mesma a Isidoro Deroche, por 900.000 reis”.<sup>120</sup>

Verifica-se, com as informações obtidas por Henrique Bon, em cuidadosa pesquisa que vem realizando há décadas sobre os suíços da Colônia Nova Friburgo, que João Abram Frauche, migrando da Colônia Nova Friburgo para São Sebastião do Paraíba, banhado pela então caudaloso e fértil rio Paraíba do Sul, no município de Cantagalo, no centro-norte fluminense, foi importante proprietário de terras nessa região, assim como os seus descendentes, então farta em plantações de café, arroz, feijão e milho e uma nascente pecuária de importância fundamental para o desenvolvimento do município de Cantagalo.

Os filhos de João Abram Frauche foram registrados com o sobrenome Frauches e os descendentes destes tiveram o sobrenome voltado ao original Frauche, mantido o Frauches ou alterado para Franche, Franches, Frauch, Franch, Frouch, Flauche. Essa variedade na grafia do sobrenome de nosso Patriarca – **FRAUCHE** – é devida, naturalmente, à “criatividade” de nossos escribas, nas igrejas, nos cartórios e na mídia da época. Todos esses são, portanto, descendentes legítimos de Jean Abram Frauche, o nosso patriarca João Abram Frauche, que faleceu em São Sebastião do Paraíba, sendo sepultado no cemitério da Vila, em 6 de junho de 1875, com o nome de João Abrom Frauche. Dessa vez, errou-se na grafia de Abram.

---

<sup>120</sup> BON, 2004, p. 450.

**Ruínas do Cemitério de São Sebastião do Paraíba onde  
foi sepultado João Abram Frauche  
em 6 de junho de 1875**



Foto do Autor.

**Atual Cemitério de São Sebastião do Paraíba para onde  
foram trasladados os restos mortais de João Abram  
Frauche**



Foto do Autor.

## Placa da sepultura de João Abram Frauche



Placa do jazigo de João Abram Frauche encontrada por Eduardo Jorge Frauche de Souza no atual cemitério de São Sebastião do Paraíba. Todavia, ele não conseguiu localizar onde foram sepultados os restos mortais de nosso Patriarca. Não há registro no cemitério.

Até o final do século 19, os Frauche participavam ativamente da vida social e econômica da região de São Sebastião do Paraíba. O periódico *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro*<sup>121</sup>, do Rio de Janeiro, entre 1873 e 1899, noticia diversas atividades de alguns Frauches como lavradores, proprietários de terras ou negociantes em São Sebastião do Paraíba, mas sempre com a grafia

<sup>121</sup> Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

do Frauche alterada para Frauches, Franche, Franches, Franch, Frauch ou Frouch. Eis alguns dos citados pelo referido periódico:

- Anna Dugon Franch e Anna Maria Lugon Franches (Lugon-Moulin Frauche, viúva de João Abram Frauche)
- Antonio Thomaz Frauch (negociante no “Vallão dos Suissos”)
- Fernando Henrique Franche
- Izidoro Alexandre Franches
- João Antônio Franches
- João Franch
- Manoel Maria Frouch Cousandey (Cosandey)
- Theodora Enard Franch (Ecard Frauche, viúva de José Cláudio Frauche)

Nos anos 80 do século 19, encontramos Izidoro Alexandre Franches como Alferes da 7ª Companhia da Guarda Nacional em Cantagalo e, ainda, como membro do Colégio de Eleitores de Cantagalo, na Freguesia do Santíssimo Sacramento, junto a outros 25 eleitores. O sobrenome de Izidoro aparece ora como Franche ora como Franches.

A Gazeta de Notícias, da província do Rio de Janeiro, noticia, na edição de quinta-feira, 5 de abril de 1894, que a festa dedicada ao “Martyr S. Sebastião”, na vila de São Sebastião do Paraíba, em Cantagalo, “será realizada no dia 3 de junho”, por motivos extraordinários. Na composição da comissão dos festejos – “comissão de senhoras que hão de auxiliar e dirigir as ladainhas” –, encontramos os seguintes membros de nossa família, com o sobrenome grafado “Franches”, todos descendentes de João Abram Frauche: Adelaide Aragon Franches, Amelia Franches, Anna Franches, Antonia Franches, Elvira Curty Franches, Eugenia Curty Franches, Eugenia Franches, Joana Franches, Julia Curty Franches, Luiza



Franches, Maria Bard Franches, Maria Franches, Maria Ignat Franches, Maria Senhorinha Franches Leite, Olympia Franches, Rufina Franches, Theodora Franches e Virginia Franches.

Henrique Bon registra, em seu livro, o casamento de membros da família Frauche com outros da família Cosandey, descendentes de Jean-Joseph Cosandey<sup>122</sup>, também imigrante suíço, vindo a bordo do navio Daphné, com 20 anos de idade, radicado em terras devolutas nas vertentes do rio Paraíba, em Cantagalo, áreas adequadas ao cultivo do café. Jean-Joseph, filho de Jacques Joseph Consandey e de Marie Ray, originário de Rossens, Cantão de Fribourg, casou-se, no Brasil, com Anne Marie Schwartz, filha Claude Joseph Schwartz e de Claudine Andrey. Seus descendentes casaram-se com descendentes de Jean Abram Frauche: Adelaide Aragon com Isidoro Frauches; Maria Olímpia Cardoso de Mello com Carlos Frauches, filho de João Abram Frauche; Charles Vicent Cosandey com Maria Frauches. Do casamento de Charles Vicent com Maria Frauches nasceram: João Augusto Cosandey que se casou com Belmira Frauches; Carlos Edmundo Cosandey com Maria Ernestina Frauches Cosandey; e Frederica Frauches Cosandey, Carlos Frauches Cosandey, Maria Senhorinha Frauches Cosandey e Maria Altina Frauches Consendey, casada com Alcino Cosandey, filho de João Batista Cosandey e de Marianna Page.

No início do século 20, não há mais notícias sobre as atividades dos Frauche em Cantagalo, exceto a família de Américo Fernandes Frauches ou Américo Frauches (seus documentos registram esses dois nomes), meu avô, que adquiriu, em São Sebastião do Paraíba, a Fazenda da Serra, em 1925.

---

<sup>122</sup> BON, 2004, págs. 394 a 397.

Américo Fernandes Frauches ou Américo Frauches (1877-1942), era filho de Fernandes Henrique Frauches e neto de Jean Abram Frauche ou João Abram Frauche e Anne-Marie Lugon-Moulin. Foi casado com Maria Christina Frauches, com quem teve onze filhos. Viúvo, casou-se novamente, em 1929, com Tereza Caruso Frauches, tendo mais três filhos, catorze no total: Brasilino Frauches (1908-1925); Guilherme Frauches (1909-1929); Henrique Luiz Frauches (1910-1985); Francisco (Chiquinho) Braz Frauches (1913-1984); Alice Frauches Alves (1917-1996); Américo Frauches Junior (1921-1998); Maria José Frauches Santos (1925-2006); Antônio Frauches (1926-1961); Antonieta Frauches, nasceu em 1926, teve vinte dias de vida, gêmea de Antonio Frauches; Manoel Frauches, nasceu em 1927, teve quatro dias de vida; Jarbas Frauches (1929-1985); Vicente Paulo Caruso Frauches (1932-1979); Celeste Frauches Maione, nasceu em 21/4/1933, advogada e professora, aposentada, reside no Rio de Janeiro (RJ); e Geraldo Caruso Frauches (1934/2000).

O último Frauche a residir em Cantagalo foi meu pai, Henrique Luiz Frauches, filho de Américo Fernandes Frauches, casado com Etelvina (Telva) da Costa Frauches. Era proprietário da Fazenda da Serra, no distrito de São Sebastião do Paraíba, funcionário da Prefeitura Municipal de Cantagalo e, por dois mandatos – 1955-1958 e 1963-1966 –, prefeito do Município. Ao concluir o seu segundo mandato transferiu-se, definitivamente, para Niterói (RJ).

Hoje não há mais nenhum descendente de Jean ou João Abram Frauche residindo no município de Cantagalo, mas lá encontramos ainda descendentes de outros imigrantes suíços, entrelaçados com a nossa família, como os Bard, Cosendey, Curty, Lugon, Lugon-Moulin, Periard. Como os Frauches, foram migrando, no final do século 19 e no início do

século 20, para outros municípios do Estado do Rio de Janeiro, sul do Espírito Santo e leste das Minas Gerais.

No início deste século 21, os Frauche, Frauches, Franche, Franches, Frauch, Franch, Frouch, Flauche, todos descendentes do imigrante suíço Jean Abram Frauche ou João Abram Frauche, estão espalhados por este imenso Brasil, contribuindo, cada um em seu ramo de trabalho e especialidade, para o desenvolvimento socioeconômico de nosso país.

### **Fazenda da Serra**



Ruínas da sede da Fazenda da Serra, em São Sebastião do Paraíba, onde residiu o último membro da família Frauche em Cantagalo: Henrique Luiz Frauches.



Ursins – Vaud - Suisse

Cantagalo - RJ - Brasil



## Bibliografia

---

AMSTALDEN, Pe. Polycarpo O.S.B. *Memórias de um filho da colônia helvética no Brasil*. Indaiatuba, SP: [s.n], 1989.

ARAÚJO, João Raimundo; MAYER, Jorge Miguel (Orgs.). *Teia serrana – Formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003.

BON, Henrique. *Imigrantes: a saga do primeiro movimento migratório organizado rumo ao Brasil às portas da independência*. Nova Friburgo, RJ: Imagem Virtual, 2004.

BON, Henrique J. S.; SALOMONE, Marcia Luzia Bonin. *A Colônia Suíça de Nova Friburgo – Índice histórico-genealógico de A a Z, Vol. I*. Nova Friburgo, RJ: 2000.

CARVALHO, Sebastião A. B. *O tesouro de Cantagalo*. Nova Friburgo, RJ: Cepec, 1991.

———. *A Odisseia de Mão de Luva na Região Serrana Fluminense*. Nova Friburgo, RJ: Cepec, 2015.

- CHAMBERLAIN, Henry. *Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro em 1819-1820*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1943.
- CONUS, Jules. *História da emigração friburguense para o Brasil, 1819 a 1820*. Rev. e anotada por José Côrtes Coutinho. Nova Friburgo, RJ: Print Book, 1968.
- CURIO, Pedro. *Como surgiu Friburgo – Esboço histórico e episódico – 1818-1840*. Nova Friburgo, RJ: [s.n], 1944.
- DIAS, Acácio Ferreira. *Terra de Cantagalo*. Niterói, RJ: Imprensa Oficial, 1942.
- ERTHAL, Clélio. *Cantagalo – Da miragem do ouro ao esplendor do café*. Niterói, RJ: Nitpress, 2008.
- ERTHAL, Dulce Tardin. *Aventuras e desventuras de uma família Gruérien (Os Tardin)*. Bom Jardim, RJ: [s.n], 2008.
- FRAUCHES, Celso da Costa. *Henrique Frauches & Cantagalo – duas histórias que se cruzam*. Brasília: Andragogia, 2012.
- FRIEDLI, F. F. *A emigração de suíços no Estado do Rio de Janeiro os suíços na região de Nova Friburgo*. Tradução de Alberto Lima Abib Wermelinger Monnerat. Nova Friburgo-RJ: Associação “Le Tireur Fribourgeois” de Santa Maria Madalena, 2010, p. 12. Disponível em: <[http://www.atfsmm.ch/assets/a\\_emigracao\\_de\\_suicos\\_no\\_estado\\_do\\_rio\\_de\\_jane.pdf](http://www.atfsmm.ch/assets/a_emigracao_de_suicos_no_estado_do_rio_de_jane.pdf)> Acesso em: 25 jul. 2016.
- GOMES, Laurentino. *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.
- . *1822: como um sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil – um país que tinha tudo para dar errado*. São Paulo: Nova Fronteira, 2010.
- HECHT, Joseph. *A imigração suíça no Brasil 1819-1823 – descrita por um participante*. Tradução de Armindo L. Müller. Nova Friburgo, RJ: Independente, 2009.

- JACOUD, Raphael Luiz de Siqueira. *História, contos e lendas da velha Nova Friburgo*. Nova Friburgo, RJ: Múltipla Cultural, 1999.
- JOYE, Jacob (Pe.). *Anotações sobre a viagem dos Imigrantes Suíços de 1819*. Tradução feita do original, arquivado nos "Arquivos de l'Etat", Fribourg-Suíça, por Vera de Siqueira Jaccoud. Nova Friburgo, RJ: Associação Fribourg, 2005, 2ª ed. revista e ampliada.
- MARRETO, Rodrigo Marins. *A escravidão velada: A formação de Nova Friburgo na primeira metade do século XIX*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de mestrado em História da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói (RJ), aprovada em 27/3/2014. Disponível em <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1791.pdf>> Acesso em 29 jul. 2016.
- MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1978.
- NICOULIN, Martin. *A gênese de Nova Friburgo – Emigração e colonização suíça no Brasil – 1817-1827*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995.
- OLIVEIRA, Waldir Freitas. *A saga dos suíços no Brasil – 1557-1945*. Joinville, SC: Letradágua, 2007.
- PREFEITURA DE NOVA FRIBURGO. *Colonização suíça - Notas para o estudo da emigração suíça para o Brasil – 1819-1820*. Nova Friburgo, RJ: Centro de Documentação Histórica Pró-Memória, 1988.
- RUBACK, Frauches. *Família Ruback*. Folheto. Julho de 2000.
- SILVA, Thomé Maria da Fonseca. Breve notícia sobre a Colônia de Suíços fundada em Nova Friburgo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio Janeiro, 2º trimestre, Tomo 5, p. 137-142, 1849.
- SINIMBU, João Lins Vieira Cansanção de. *Notícia das Colônias Agrícolas Suíça e Alemã Fundadas na Freguesia de São João Batista de Nova Friburgo*. Niterói: Tipografia de Amaral e Irmão, 1852.
- TSCHUDI, J. J. *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e S. Paulo*. Rio de Janeiro: Martins, 1983.

- WERMELINGER-MONNERAT, Alberto Lima Abib. ... *E os suíços chegaram!!* - A Imigração Suíça de 1819/1820. Nova Friburgo, RJ: A. Lima Abib, 2010.
- . *Pierre-Nicolas Chenaux – O Herói da Gruyère e sua marca no Brasil (A Família Thurler)*. Nova Friburgo, RJ: Alberto Lima Abib Wermelinger-Monnerat, 2007.
- YERLY-QUARTENOUD, Anne-Marie; WERMELINGER-MONNERAT, Alberto Lima Abib; e FOLLY, Daniel. *Têra Novala – Terra Nova – Terre Nouvelle – Neues Land – Nüüs Lann*. Nova Friburgo, RJ: Alberto Lima Abib Wermelinger-Monnerat, 2010.

### **Créditos – Arquivos e consultas via Internet**

- <<http://avozdaserra.com.br/colunas/historia-e-memoria/noticias-do-morro-queimado-ultima-parte>> Acesso em: 20 jul. 2016.
- <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 14 jan. 2016.
- <<http://bndigital.bn.br/projetos/expo/djoaovi/depoisdjoao.html>> Acesso em: 3 maio 2016.
- <<http://fotos.sapo.pt/cachinare/fotos/?uid=Pr29Hc9w5dV7AMqNBcPH>> Acesso em: 1º out. 2014.
- <<http://literaturaeriodedejaneiro.blogspot.com.br/2006/11/imagens-do-rio-antigo.html>> Acesso: em 24 abr. 2016.
- <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749664&pasta=ano%20181&pesq=Elisabeth%20Marie>>. Acesso em: 11 dez. 2015.
- <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/almanak/all846/00000427.html](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/almanak/all846/00000427.html)>. Acesso em: 30 dez. 2015.
- <<http://www.agenciario.com/municipios/estrutura-prefeitura.asp?codMunic=23>> Acesso em: 2 dez. 2015.
- <[http://www.atfsmm.ch/assets/a\\_emigracao\\_de\\_suicos\\_no\\_estado\\_do\\_rio\\_de\\_jane.pdf](http://www.atfsmm.ch/assets/a_emigracao_de_suicos_no_estado_do_rio_de_jane.pdf)> Acesso em: 25 jul. 2016.



<[http://www.atfsmm.ch/assets/a\\_emigracao\\_de\\_suicos\\_no\\_estado\\_do\\_rio\\_de\\_jane.pdf](http://www.atfsmm.ch/assets/a_emigracao_de_suicos_no_estado_do_rio_de_jane.pdf)> Acesso em: 25 jul. 2016.

<[http://www.djoaovi.com.br/index.php?cmd=section:da\\_suica\\_ate\\_o\\_brasil#0](http://www.djoaovi.com.br/index.php?cmd=section:da_suica_ate_o_brasil#0)> Acesso em: 24 dez. 2015.

<<http://www.iagoguimaraescouto.com.br/2015/06/arquivos-da-nossa-terra-fazendas-de.html>> Acesso em: 20 jun. 2016.

<<http://www.iagoguimaraescouto.com.br/2015/09/sao-sebastiao-do-paraiba-sedia-xxi.html>> Acesso em: 19 jul. 2016.

<<http://www.nitcult.com.br/odisseia.pdf>> Acesso em: 1º out. 2014.

<<http://www.swissinfo.ch/por/caf%C3%A9-salva-nova-friburgo/875210>> Acesso em: 31 jan. 2016.

<<http://www.swissinfo.ch/por/cant%C3%B5es-su%C3%AD%C3%A7os-recrutam-colonos/875202>> Acesso em: 18 jul. 2016.

<<http://www.swissinfo.ch/por/nova-friburgo-entra-para-a-hist%C3%B3ria/87520>> Acesso em: 18 jul. 2016.

<<http://www.swissinfo.ch/por/su%C3%AD%C3%A7a-terra-de-demis%C3%A9ria/875200>> Acesso em: 18 jul. 2016.

<<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-34.htm>> Acesso em: 18 jul. 2016.

<<http://www.ursins.ch>> Acesso em: 1º jan. 2015.

<<http://www.ursins.ch>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

<<https://abrarvorenf.wordpress.com/2015/03/03/praca-dos-eucaliptos-raquel-nader/>> Acesso em: 22 mar. 2016.

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cant%C3%B5es\\_da\\_Su%C3%AD%C3%A7a](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cant%C3%B5es_da_Su%C3%AD%C3%A7a)>. Acesso em: 24 jul. 2016.

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o\\_su%C3%AD%C3%A7a\\_no\\_Brasil#/media/File:Colonizacaonf.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_su%C3%AD%C3%A7a_no_Brasil#/media/File:Colonizacaonf.jpg)> Acesso em: 3 dez. 2015.

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Lago\\_de\\_Neuch%C3%A2tel](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lago_de_Neuch%C3%A2tel)> Acesso em: 1º maio 2014.

<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Vaud>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

<<https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=de&u=https://de.wikipedia.org/wiki/Oberamt&prev=search>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

<<https://www.google.com.br/maps/@-21.7541921,-42.3798208,685m/data=!3m1!1e3>> Acesso em: 23 ago. 2016

<<https://www.google.com.br/maps/@46.7348179,6.6685119,541m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR>> Acesso em: 23 ago. 2016

<<https://www.google.com.br/maps/place/Ursins,+Switzerland/@46.735489,6.66799,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1s117061335!2e1!3e1!0!6s%2F%2Fstorage.googleapis.com%2Fstatic.panoramio.com%2Fphotos%2Fsmall%2F117061335.jpg!7i1200!8i94!4m2!3m1!1s0x478dd1d812116f65:0x891feba63f48ac5b!6m1!1e1>> Acesso em: 24 nov. 2015.

<[https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&authuser=0&site=img&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=667&q=mapa+de+cantagalo+rj&oq=mapa+de+cantagalo+rj&gs\\_l=img.3..0i24k1.5555.14491.0.16235.20.14.0.6.6.0.141.1346.0j11.1.0...0...1ac.1.64.img..3.17.1350...0j0i30k1j0i19k1.sa3DlwzPHsk](https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&authuser=0&site=img&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=667&q=mapa+de+cantagalo+rj&oq=mapa+de+cantagalo+rj&gs_l=img.3..0i24k1.5555.14491.0.16235.20.14.0.6.6.0.141.1346.0j11.1.0...0...1ac.1.64.img..3.17.1350...0j0i30k1j0i19k1.sa3DlwzPHsk)> Acesso em: 23 ago. 2016

<[https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&authuser=0&site=img&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=667&q=mapa+de+cantagalo+rj&oq=mapa+de+cantagalo+rj&gs\\_l=img.3..0i24k1.5555.14491.0.16235.20.14.0.6.6.0.141.1346.0j11.1.0...0...1ac.1.64.img..3.17.1350...0j0i30k1j0i19k1.sa3DlwzPHsk#hl=pt-BR&authuser=0&tbm=isch&q=braz%C3%A3o+de+cantagalo+rj](https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&authuser=0&site=img&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=667&q=mapa+de+cantagalo+rj&oq=mapa+de+cantagalo+rj&gs_l=img.3..0i24k1.5555.14491.0.16235.20.14.0.6.6.0.141.1346.0j11.1.0...0...1ac.1.64.img..3.17.1350...0j0i30k1j0i19k1.sa3DlwzPHsk#hl=pt-BR&authuser=0&tbm=isch&q=braz%C3%A3o+de+cantagalo+rj)> Acesso em: 23 ago. 2016

<[https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=img&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=623&q=a+su%C3%AD%C3%A7a+de+1815&oq=a+su%C3%AD%C3%A7a+de+1815&gs\\_l=img.3...12860.19960.0.21674.15.11.0.4.0.0.432.1602.0j3j0j2j1.6.0...0...1ac.1.64.img..5.5.1296...0j0i24j0i10i24.rHBHOSLzV5o#imgdii=zVQaRyWj3OM](https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=img&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=623&q=a+su%C3%AD%C3%A7a+de+1815&oq=a+su%C3%AD%C3%A7a+de+1815&gs_l=img.3...12860.19960.0.21674.15.11.0.4.0.0.432.1602.0j3j0j2j1.6.0...0...1ac.1.64.img..5.5.1296...0j0i24j0i10i24.rHBHOSLzV5o#imgdii=zVQaRyWj3OM)>

vUM%3A%3BzVQaRyWj3OMvUM%3A%3B7y-yHkWxfaNkIM%3A&img  
grc=zVQaRyWj3OMvUM%3A> Acesso em: 18 jul. 2016.

<[https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=667&q=mapa+da+su%C3%AD%C3%A7a+com+cant%C3%B5es&oq=mapa+da+su%C3%AD%C3%A7a+com+cant%C3%B5es&gs\\_l=img.3...300.19818.0.21371.28.11.0.17.10.0.284.1533.0j10j1.11.0....0...1ac.1.64.img..0.14.1419...0j0i10j0i30j0i8i30j0i24j0i10i24.VJ81gjhFnok#imgrc=uzWwjwTNSHNEZM%3A](https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=667&q=mapa+da+su%C3%AD%C3%A7a+com+cant%C3%B5es&oq=mapa+da+su%C3%AD%C3%A7a+com+cant%C3%B5es&gs_l=img.3...300.19818.0.21371.28.11.0.17.10.0.284.1533.0j10j1.11.0....0...1ac.1.64.img..0.14.1419...0j0i10j0i30j0i8i30j0i24j0i10i24.VJ81gjhFnok#imgrc=uzWwjwTNSHNEZM%3A)> Acesso em: 20 jul. 2016.

<<https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=623&q=Embarque+em+Estavayer-le-Lac>> Acesso em: 19 jul. 2016.

<<https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=623&q=mapa+do+por+de+den+helder+a+msterdam>> Acesso em: 20 jun. 2016.

<<https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=623&q=Veleiros+nos+portos+de+Amsterdã+-+1820>> Acesso em: 1º fev. 2015.

<<https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=667&q=reconhecimento+do+rio+macacu+e+da+estrada+que+conduz+a+nova+friburgo&oq=reconhecimento+do+rio+macacu+e+da+estrada+que+conduz+a+nova+friburgo>> Acesso em: 2 nov. 2013.

<<https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=667&q=casas+da+colônia+nova+friburgo+1819&oq=casas+da+colônia+nova+friburgo+1819>> Acesso em: 21 ago. 2015.

## Sobre o Autor

---

Celso da Costa Frauches nasceu na Fazenda da Serra, distrito de São Sebastião do Paraíba, município de Cantagalo (RJ), em 27 de outubro de 1936. Único filho de Etelvina (Telva) da Costa Frauches e Henrique Luiz Frauches, neto de Américo Fernandes Frauches ou Américo Frauches, bisneto de Fernandes Henrique Frauches e trineto de Jean Abram Frauche ou João Abram Frauche e Anne-Marie Lugon-Moulin. Reside em Brasília, desde 1988.

Foi casado com Lêla de Moraes Frauches (1938/2000), com quem teve três filhos: Leilany de Moraes Frauches, Janina de Moraes Frauches e Ariel de Moraes Frauches. Em 19 de abril de 2007, casou-se, em Brasília (DF), com Shirley Maria Nunes Frauches.

Fez o antigo curso primário na Escola Estadual de Porto do Tuta (1944-1947), distrito de São Sebastião do

Paraíba, com a notável educadora Neli Rodrigues Moreira da Costa. Mudou-se para a sede do município – Cantagalo –, no final de 1947, para continuar os seus estudos no antigo Curso Ginásial (1948-1951), no Colégio Euclides da Cunha, onde concluiu, também, o Curso Científico (1952-1954). Iniciou e não concluiu dois cursos de graduação na Universidade Federal Fluminense – Geografia e Jornalismo. Iniciou e também não concluiu os cursos de Administração e Pedagogia, em faculdades particulares. Não tem nenhuma formação em nível superior. Possui o diploma de Administrador, concedido pelo Conselho Federal de Administração, nos termos da Lei nº 4.769/1965, que o habilita ao exercício dessa profissão.

Começou a trabalhar aos catorze anos, na farmácia de Mário Bon e Nelson de Paula, em Cantagalo, seus primeiros educadores no mundo do trabalho. Em seguida, exerceu as atividades de Escrevente na Delegacia de Polícia de Cantagalo (1954/1955), sob a supervisão do dr. Milton Nunes Loureiro, que era o Escrivão, seu segundo educador profissional.

Mudou-se para Niterói, em janeiro de 1955, para assumir cargo na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Na Assembleia Legislativa começou como auxiliar de almoxarifado, em seguida, substituto do chefe do Almoxarifado e, daí em diante, exerceu inúmeros cargos e funções de confiança na ALERJ, de direção, chefia e assessoramento. Aposentou-se em 1988, como Especialista em Legislação.

Paralelamente à atividade como funcionário público do legislativo fluminense, exerceu atividades na área privada, entre 1956 e 1970, como revisor de jornal, colunista de periódicos de Niterói (RJ) e noticiário do jornal falado, *A Hora do Estado do Rio*, na Rádio Mundial, sob a direção do jornalista e locutor Wilson Kleber, seu terceiro educador profissional. Criou e publicou várias colunas em periódicos de Niterói, quase todas

voltadas para os acontecimentos e política cantagalenses. Editou uma revista, edição única – *Cidade de Cantagalo* –, em comemoração ao centenário da cidade (1957).

Com os amigos Geraldo, Casemiro Cunha e Lizi Sá Vieira criou o Grêmio dos Amigos de Cantagalo (GAC), em 1956, que existe até hoje.

Exerceu, entre 1957 e 2012, importantes funções, no serviço público e na iniciativa privada, e elaborou ou participou da elaboração de projetos na área da educação superior, que lhe credenciaram como especialista nessa área, com ênfase em legislação e normas, avaliação, planejamento, gestão e projetos educacionais:

- Secretário da Comissão de Educação da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói, RJ (1961/1962).
- Secretário Geral da Prefeitura Municipal de Cantagalo, RJ (1963/1966).
- Diretor do Centro de Treinamento do Pessoal da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro – CETRELEGIS (1970/1971).
- Iguazu, de Nova Iguaçu (RJ), para a qual elaborou o projeto da Universidade de Nova Iguaçu, posteriormente, Universidade Iguaçu (UNIG) – 1977/1979.
- Secretário da Associação Fluminense de Educação (AFE), para a qual organizou e elaborou o projeto da Universidade Grande Rio Prof. José de Souza Herdy (UNIGRANRIO), em Duque de Caxias, RJ (1974/1988).
- Diretor do Centro de Desenvolvimento Organizacional (CENDORG), posteriormente Instituto de Desenvolvimento Organizacional (IDORT), Duque de Caxias, RJ (1975/1979).

- Projeto da Fundação Educacional de Cantagalo, incluindo Estatuto, Regimento e organização administrativa, para a Prefeitura Municipal de Cantagalo, RJ (1980), não implantado.
- Consultor educacional da Associação Nacional das Universidades Particulares (Anup), em Brasília, DF (1989/1992).
- Secretário Geral do Conselho Federal de Educação (CFE) do Ministério da Educação (MEC), em Brasília, DF (1971/1974), para o qual organizou o livro Currículos mínimos dos cursos superiores, editado em 1974.
- Organizador e Superintendente Geral dos Seminários de Assuntos Universitários, promovidos pelo Conselho Federal de Educação, em Brasília, DF, nos anos de 1972, 1973 e 1974.
- Organizador e Superintendente Geral das Reuniões Conjuntas dos Conselhos Estaduais de Educação, promovidas pelo Conselho Federal de Educação, realizadas nos anos de 1971, 1972, 1973 e 1974.
- Coordenador Geral do I Encontro de Secretários de Educação do Brasília, realizado em Brasília, DF, em 1971.
- Superintendente da revista Documenta, periódico mensal editado pelo Conselho Federal de Educação, em Brasília, DF (1971/1974).
- Presidente da Comissão Especial para estudos e reformulação da Ordem Nacional do Mérito Educativo, do Ministério da Educação, em Brasília, DF, e autor do anteprojeto de lei, em 1971.
- Anteprojeto do Regimento do Conselho Federal de Educação, em Brasília, DF, em 1972.

- Fundou, em 1992, do Instituto Euro-Americano de Educação, Ciência e Tecnologia, do qual foi diretor até 1997, entidade mantenedora do Centro Universitário Euro-Americano (UNIEURO), em Brasília; desligou-se do Instituto em 1997.
- Consultor sênior da CM Consultoria, de Marília, SP (1998/2000).
- Fundador e diretor do Instituto Latino-Americano de Planejamento Educacional (Ilape), Brasília, DF (2001/2012).
- Consultor da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior – Abmes – (2005/2014).

Entre 1989 e 2012, elaborou ou participou da elaboração de projetos para o credenciamento de universidades, centros universitários e faculdades, destacando-se:

- Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo, SP.
- Centro Universitário Capital (UNICAPITAL), São Paulo, SP.
- Centro Universitário de Barra Mansa (UBM), Barra Mansa, RJ.
- Centro Universitário de Campo Grande, Campo Grande, MS.
- Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG), Várzea Grande, MT.
- Centro Universitário de Votuporanga, Votuporanga, SP.
- Centro Universitário do Maranhão (UNICEUMA), São Luiz, MA.
- Centro Universitário do Norte Paulista (UNORP), São José do Rio Preto, SP.
- Centro Universitário Ítalo-Brasileiro (UNIÍTALO), São Paulo, SP.



- Faculdade de Ciências Médicas de Nova Iguaçu, Nova Iguaçu, RJ.
- Faculdade de Fisioterapia do Planalto Central (FIPLAC), em Brasília, DF.
- Faculdade de Medicina Veterinária do Planalto Central, em Brasília, DF.
- Faculdade de Odontologia da Sociedade de Ensino Superior de Nova Iguaçu, RJ.
- Faculdade de Odontologia do Planalto Central (FOPLAC), em Brasília, DF.
- Faculdade Maurício de Nassau, Recife, PE.
- Faculdade Metropolitana da Amazônia (FAMAZ), Belém, PA.
- Faculdade Pio Décimo, Aracaju, SE.
- Universidade do Ceuma (UNICEUMA), São Luís, MA.
- Universidade Grande Rio Prof. José de Souza Herdy (UNIGRANRIO), Duque de Caxias, RJ.
- Universidade Iguaçu (UNIG), Nova Iguaçu, RJ.
- Universidade Tiradentes (Unit), Aracaju (SE).

É autor dos livros *LDB anotada* (Marília-SP: CM, 1999); *Diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação* (Brasília: Abmes, 2008); *Educação superior: cobras & lagartos* (Brasília: Ilape, 2010), impresso e e-book; *O Mundo Espiritual*, Kardec e *Chico Xavier* (Brasília: Andragogia, 2011) – impresso e e-book; *Henrique Frauches & Cantagalo – duas histórias que se cruzam* (Brasília: Andragogia, 2012) – impresso

e e-book; *Sinaes – avanços e desafios na avaliação da educação superior in AbmesCADERNOS* (Brasília: Abmes, 2014; *DCNs – Comentários, anotações, resoluções e pareceres* (Brasília: IEAL, 2015), no formato eBook. É coautor dos livros *LDB anotada e comentada* (Brasília: Ilape, 2003) e *LDB anotada e comentada e reflexões sobre a educação superior* (Brasília: Ilape, três edições impressas – 2005, 2007 e 2012 – e uma no formato e-book, 2013). É autor do capítulo *Reforma universitária e suas implicações sob a ótica pública e privada in Direito Educacional – Aspectos práticos e jurídicos* (São Paulo: Quartier Latin, 2008) e do capítulo *A avaliação do ensino superior – Obstáculos, Desafios e oportunidades na gestão in Nos bastidores da educação brasileira – A gestão vista por dentro* (Porto Alegre, Artmed, 2010).

É autor de inúmeros artigos, com ênfase na análise crítica da legislação, normas, avaliação e regulação da educação superior, no sistema federal de ensino.

Ministrou, entre 2004 e 2012, cursos de capacitação para gestores acadêmicos, com ênfase nas áreas de legislação, planejamento, gestão e avaliação.

É fundador e diretor do Instituto Andragogia, Brasília, DF, criado em 2012.

A SAGA DE JEAN ABRAM FRAUCHE - De Ursins (VD), Suíça, a São Sebastião do Paraíba (RJ), Brasil é uma singela homenagem ao patriarca da Família Frauche no Brasil, o imigrante suíço Jean Abram Frauche, aqui registrado como João Abram Frauche, em 1819. Os seus filhos, a partir do casamento com Anne Marie Lugon-Moulin, foram registrados como Frauches, mas os descendentes desses têm registros diversos, como Frauche, Frauches, Franche, Franches, Franch, Frauch, Frouch, Flauche. O objetivo deste modesto trabalho é, também, o de despertar nos membros da Família Frauche brasileira o desejo da pesquisa de suas origens, para o complemento dos dados e informações consignados neste livro. É, ainda, uma contribuição às comemorações do bicentenário da colonização suíça de Nova Friburgo, a ocorrerem em 2019.

ISBN 978-85-65213-03-5



9 788565 213035